

# **HUMANIZAR A TERRA**

**SILO**

## **O OLHAR INTERIOR**

## **I. A Meditação**

1. Aqui se conta como se converte o sem-sentido da vida em sentido e plenitude.
2. Aqui há alegria, amor ao corpo, à natureza, à humanidade e ao espírito.
3. Aqui se renegam os sacrifícios, o sentimento de culpa e as ameaças do pós-túmulo.
4. Aqui não se opõe o terreno ao eterno.
5. Aqui se fala da revelação interior à qual chega todo aquele que cuidadosamente medita em humilde busca.

## **II. Disposição para Compreender**

1. Sei como te sentes, porque posso experimentar teu estado, mas tu não sabes como se experimenta o que digo. Por conseguinte, se te falo com desinteresse daquilo que faz o ser humano feliz e livre, vale a pena que tentes compreender.
2. Não penses que vais compreender discutindo comigo. Se acreditas que, contrariando isso, teu entendimento aclara-se, podes fazê-lo, mas não é esse o caminho que corresponde a esse caso.
3. Se me perguntas qual é a atitude que convém, dir-te-ei que é a de meditar em profundidade e sem pressa no que te explico aqui.
4. Se replicas que tens coisas mais urgentes com que te ocupar, responderei que sendo teu desejo dormir ou morrer, nada farei para me opor.
5. Não argumentes tampouco que te desagrada meu modo de apresentar as coisas, porque não falas isso da casca quando te agrada o fruto.
6. Exponho do modo que me parece conveniente, não do que seria desejável para aqueles que aspiram a coisas afastadas da verdade interior.

### III. O Sem-sentido

*Em muitos dias, descobri este grande paradoxo: aqueles que levaram o fracasso em seu coração puderam vislumbrar o último triunfo, aqueles que se sentiram triunfadores ficaram no caminho como vegetais de vida difusa e apagada.*

*Em muitos dias, cheguei eu à luz, vindo das mais obscuras trevas, guiado não por ensinamento, mas por meditação.*

*Assim me disse ao primeiro dia:*

1. Não há sentido na vida, se tudo termina com a morte.
2. Toda justificação das ações, sejam essas depreciáveis ou excelentes, é sempre um novo sonho que deixa o vazio adiante.
3. Deus é algo incerto.
4. A fé é algo tão variável quanto a razão e o sonho.
5. “O que se deve fazer” pode-se discutir totalmente e nada virá apoiar definitivamente as explicações.
6. A “responsabilidade” daquele que se compromete com algo não é maior que a responsabilidade daquele que não se compromete.
7. Movo-me segundo meus interesses e isso não me converte em covarde, mas tampouco em herói.
8. “Meus interesses” não justificam nem desacreditam nada.
9. “Minhas razões” não são melhores nem piores que as razões dos outros.
10. A crueldade me horroriza, mas nem por isso em si mesma é pior ou melhor que a bondade.
11. O dito hoje, por mim ou por outros, não vale amanhã.
12. Morrer não é melhor que viver ou não haver nascido, mas tampouco é pior.
13. Descobri – não por ensinamento, mas por experiência e meditação – que não há sentido na vida, se tudo termina com a morte.

#### IV. A Dependência

*O dia segundo:*

1. Tudo o que faço, sinto e penso não depende de mim.
2. Sou variável e dependo da ação do meio. Quando quero mudar o meio ou meu “eu”, é o meio que me muda. Então, busco a cidade ou a natureza, a redenção social ou uma nova luta que justifique minha existência... Em cada um desses casos, o meio leva-me a decidir por uma ou outra atitude. Dessa maneira, meus interesses e o meio aqui me deixam.
3. Digo, então, que não importa o quê ou quem decide. Digo nessas ocasiões que tenho que viver, já que estou em situação de viver. Digo tudo isso, mas não há nada que o justifique. Posso me decidir, vacilar ou permanecer. De qualquer maneira, uma coisa é melhor que a outra provisoriamente, mas não há “melhor” nem “pior” em definitivo.
4. Se alguém me diz que aquele que não come morre, eu lhe responderei que é assim, de fato, e que está obrigado a comer acorrentado por suas necessidades, mas não acrescentarei a isso que sua luta por comer justifica sua existência. Tampouco direi que isso seja ruim. Direi, com simplicidade, que se trata de um ato individual ou coletivamente necessário para a subsistência, mas sem sentido no momento em que se perde a última batalha.
5. Direi, além disso, que me solidarizo com a luta do pobre, do explorado e do perseguido. Direi que me sinto “realizado” com tal identificação, mas compreenderei que nada justifico.

## V. Suspeita do Sentido

*O dia terceiro:*

1. Às vezes, tenho me adiantado a fatos que depois vieram a ocorrer.
2. Às vezes, tenho captado um pensamento distante.
3. Às vezes, tenho descrito lugares que nunca visitei.
4. Às vezes, tenho contado com exatidão o sucedido em minha ausência.
5. Às vezes, uma alegria imensa tem-me envolvido.
6. Às vezes, uma compreensão total tem-me invadido.
7. Às vezes, uma comunhão perfeita com tudo me tem extasiado.
8. Às vezes, tenho rompido meus devaneios e visto a realidade de um modo novo.
9. Às vezes, tenho reconhecido, como se visse novamente, algo que via pela primeira vez.

*...E tudo isso me tem dado o que pensar. Dou-me conta de que, sem essas experiências, não poderia ter saído do sem-sentido.*

## VI. Sono e Despertar

*O dia quarto:*

1. Não posso tomar por real o que vejo em meus sonhos; tampouco o que vejo em semissono; tampouco o que vejo quando estou desperto, mas devaneando.
2. Posso tomar por real o que vejo desperto e sem devaneios. Isso não se refere ao que registram meus sentidos, mas às atividades de minha mente quando se referem aos “dados” pensados. Porque os dados ingênuos e duvidosos são entregues pelos sentidos externos, também pelos internos e também pela memória. O válido é que minha mente sabe disso quando está desperta e crê nisso quando está adormecida. Raramente, percebo o real de um modo novo e, então, compreendo que aquilo visto normalmente parece-se com o sono ou com o semissono.

*Há uma forma real de estar desperto: é a que me tem levado a meditar profundamente sobre o dito até aqui e é, além disso, a que me abriu a porta para descobrir o sentido de todo o existente.*

## VII. Presença da Força

*O dia quinto:*

1. Quando estava realmente desperto, ia ascendendo de compreensão em compreensão.
2. Quando estava realmente desperto e me faltava vigor para continuar a ascensão, podia extrair a Força de mim mesmo. Ela estava em todo o meu corpo. Toda a energia estava até nas menores células de meu corpo. Essa energia circulava e era mais veloz e intensa que o sangue.
3. Descobri que a energia concentrava-se em pontos de meu corpo quando estes estavam em atividade e se ausentava quando neles não havia ação.
4. Durante as enfermidades, a energia faltava ou se acumulava exatamente nos pontos afetados. Porém, se conseguia restabelecer sua passagem normal, muitas enfermidades começavam a retroceder.

*Alguns povos conheceram isso e agiram no sentido de restabelecer a energia mediante diversos procedimentos hoje estranhos a nós. Alguns povos conheceram isso e atuaram, comunicando essa energia a outros. Então, produziram-se “iluminações” de compreensão e até “milagres” físicos.*

## VIII. Controle da Força

*O dia sexto:*

1. Há uma forma de dirigir e concentrar a Força que circula pelo corpo.
2. Há pontos de controle no corpo e deles depende o que conhecemos como movimento, emoção e ideia. Quando a energia atua nesses pontos, produzem-se as manifestações motrizes, emotivas e intelectuais.
3. Conforme a energia atue mais interna ou superficialmente no corpo, surge o sono profundo, o semissono ou o estado de desperto... Com certeza, as auréolas que rodeiam o corpo ou a cabeça dos santos (ou dos grandes despertos) nas pinturas das religiões aludem a esse fenômeno da energia que, em certas ocasiões, manifesta-se mais externamente.
4. Há um ponto de controle do estar-desperto-verdadeiro e há uma forma de levar a Força até ele.
5. Quando se leva a energia a esse lugar, todos os outros pontos de controle movem-se alteradamente.

*Ao entender isso e lançar a Força a esse ponto superior, todo o meu corpo sentiu o impacto de uma energia enorme e ela golpeou fortemente minha consciência e ascendi de compreensão em compreensão. Mas também observei que podia descer até as profundezas da mente, se perdesse o controle da energia. Recordei, então, as lendas sobre os “céus” e os “infernos” e vi a linha divisória entre ambos os estados mentais.*

## IX. Manifestações da Energia

*O dia sétimo:*

1. Essa energia em movimento podia se “independizar” do corpo, mantendo sua unidade.
2. Essa energia unida era uma espécie de “duplo corpo” que correspondia à representação cenestésica do próprio corpo no interior do espaço de representação. Da existência desse espaço, assim como das representações que correspondiam às sensações internas do corpo, as ciências que tratavam dos fenômenos mentais não davam notícia suficiente.
3. A energia “desdobrada” (ou seja: imaginada como “fora” do corpo ou “separada” de sua base material) dissolvia-se como imagem ou representava-se corretamente, dependendo da unidade interna de quem assim operava.
4. Pude comprovar que a “exteriorização” dessa energia que representava o próprio corpo como “fora” do corpo já se produzia a partir dos níveis mais baixos da mente. Nesses casos, o atentado contra a unidade mais primária da vida provocava essa resposta como salvaguarda do ameaçado. Por isso, no transe de alguns médiuns cujo nível de consciência era baixo e cuja unidade interna estava em perigo, essas respostas eram involuntárias e não reconhecidas como produzidas por eles mesmos, mas atribuídas a outras entidades.

*Os “fantasmas” ou “espíritos” de alguns povos ou de alguns adivinhos não eram senão os próprios “duplos” (as próprias representações) daquelas pessoas que se sentiam tomadas por eles. Como seu estado mental estava obscurecido (em transe) por haver perdido o controle da Força, sentiam-se manejadas por seres estranhos, que às vezes produziam fenômenos notáveis. Sem dúvida, muitos “endemoniados” sofreram tais efeitos. O decisivo era, então, o controle da Força.*

*Isso variava por completo minha concepção tanto da vida corrente quanto da vida posterior à morte. Por meio desses pensamentos e experiências, fui perdendo a fé na morte e, desde então, não creio nela, assim como não creio no sem-sentido da vida.*

## **X. Evidência do Sentido**

*O dia oitavo:*

1. A real importância da vida desperta tornou-se patente para mim.
2. A real importância de destruir as contradições internas convenceu-me.
3. A real importância de manejar a Força, a fim de alcançar unidade e continuidade, encheu-me de um alegre sentido.

## **XI. O Centro Luminoso**

*O dia nono:*

1. Na Força estava a “luz” que provinha de um “centro”.
2. Na dissolução da energia havia um distanciamento do centro e em sua unificação e evolução um correspondente funcionamento do centro luminoso.

*Não me estranhou encontrar em antigos povos a devoção pelo deus Sol e compreendi que, se alguns adoravam o astro porque dava a vida à terra e à natureza, outros perceberam nesse corpo majestoso o símbolo de uma realidade maior.*

*Houve os que foram ainda mais longe e receberam desse centro incontáveis dons, que algumas vezes “desceram” como línguas de fogo sobre os inspirados, algumas vezes como esferas luminosas e, algumas vezes, como sarças ardentes que se apresentaram ante o temeroso crente.*

## XII. Os Descobrimentos

*O dia décimo:*

Poucos, mas importantes, foram meus descobrimentos, que resumo deste modo:

1. A Força circula pelo corpo involuntariamente, mas pode ser orientada por um esforço consciente. A conquista de uma mudança dirigida no nível de consciência brinda o ser humano com um importante sinal de liberação das condições “naturais” que parecem impor-se à consciência.
2. No corpo existem pontos de controle de suas diversas atividades.
3. Há diferenças entre o estado de desperto-verdadeiro e outros níveis de consciência.
4. Pode-se conduzir a Força ao ponto do real despertar (entendendo-se por “Força” a energia mental que acompanha determinadas imagens e por “ponto” a posição de uma imagem em um “lugar” do espaço de representação).

*Essas conclusões fizeram-me reconhecer nas orações dos povos antigos o germe de uma grande verdade que se obscureceu nos rituais e práticas externas, não conseguindo estes desenvolver o trabalho interno que, realizado com perfeição, põe o homem em contato com sua fonte luminosa. Finalmente, percebi que meus “descobrimentos” não eram tais, mas que se deviam à revelação interior à qual chega todo aquele que, sem contradições, busca a luz em seu próprio coração.*

### XIII. Os Princípios

*Distinta é a atitude frente à vida e às coisas quando a revelação interna fere como um raio.*

*Seguindo os passos lentamente, meditando o dito e o ainda por dizer, podes converter o sem-sentido em sentido. Não é indiferente o que faças com tua vida. Tua vida, submetida a leis, está exposta diante de possibilidades a escolher. Eu não te falo de liberdade, mas de liberação, de movimento, de processo. Não te falo de liberdade como algo quieto, mas de liberar-se passo a passo, como vai-se liberando do necessário caminho percorrido aquele que se aproxima de sua cidade. Então, “o que se deve fazer” não depende de uma moral distante, incompreensível e convencional, mas de leis: leis de vida, de luz, de evolução.*

*Eis aqui os chamados “Princípios” que podem ajudar na busca da unidade interior:*

1. Ir contra a evolução das coisas é ir contra si mesmo.
2. Quando forças algo para um fim, produzes o contrário.
3. Não te oponhas a uma grande força. Retrocede até que ela se debilite; então, avança com resolução.
4. As coisas estão bem quando avançam em conjunto, não isoladamente.
5. Se para ti estão bem o dia e a noite, o verão e o inverno, superaste as contradições.
6. Se persegues o prazer, tu te acorrentas ao sofrimento. Mas, contanto que não prejudiques tua saúde, goza sem inibição quando a oportunidade apresentar-se a ti.
7. Se persegues um fim, tu te acorrentas. Se tudo o que fazes realizas como se fosse um fim em si mesmo, tu te liberas.
8. Farás desaparecerem teus conflitos quando os entenderes em sua última raiz, não quando quiseses resolvê-los.
9. Quando prejudicas os demais, ficas acorrentado. Mas, se não prejudicas outros, podes fazer o quanto queiras com liberdade.
10. Quando tratas os demais como queres que te tratem, tu te liberas.
11. Não importa em que bando os acontecimentos te colocaram. O que importa é que compreendas que não escolheste nenhum bando.
12. Os atos contraditórios ou unitivos acumulam-se em ti. Se repetes os teus atos de unidade interna, já nada poderá deter-te.

*Serás como uma força da Natureza que não encontra resistência à sua passagem. Aprende a distinguir aquilo que é dificuldade, problema ou inconveniente daquilo que é contradição. Se aquelas coisas te movem ou te incitam, esta te imobiliza em um círculo fechado.*

*Quando encontrares uma grande força, alegria e bondade em teu coração ou quando te sentires livre e sem contradições, imediatamente agradece em teu interior. Quando te suceder o contrário, pede com fé e aquele agradecimento que acumulaste voltará convertido e ampliado em benefício.*

#### XIV. O Guia do Caminho Interno

Se compreendeste o explicado até aqui, bem podes experimentar, mediante um simples trabalho, a manifestação da Força. Agora vejamos: assumir uma posição mental mais ou menos correta (como se fosse uma disposição para uma atividade técnica) não é o mesmo que assumir um tom e uma abertura emotiva próxima àquela que inspiram os poemas. É por isso que a linguagem usada para transmitir essas verdades tende a facilitar essa postura, que coloca com maior facilidade em presença da percepção interna, e não de uma ideia a respeito da “percepção interna”.

Agora, segue com atenção o que vou explicar-te, já que trata da paisagem interior que podes encontrar ao trabalhar com a Força e das direções que podes imprimir em teus movimentos mentais.

*“Pelo caminho interno podes andar obscurecido ou luminoso. Atende às duas vias que se abrem diante de ti.*

*Se deixas que teu ser se lance a regiões obscuras, teu corpo ganha a batalha e ele domina. Então, brotarão sensações e aparências de espíritos, de forças, de lembranças. Por aí se desce mais e mais. Ali estão o Ódio, a Vingança, a Estranheza, a Possessão, o Ciúme, o Desejo de Permanecer. E, se desces ainda mais, invadir-te-ão a Frustração, o Ressentimento e todos aqueles devaneios e desejos que têm provocado ruína e morte na humanidade.*

*Mas, se impulsionares teu ser em direção luminosa, encontrarás resistência e fadiga a cada passo. Essa fadiga da ascensão tem seus culpados: tua vida pesa, tuas lembranças pesam, tuas ações anteriores te impedem a ascensão. Essa escalada é difícil, por causa da ação de teu corpo que tende a dominar.*

*Nos passos da ascensão, encontram-se regiões estranhas de cores puras e de sons não conhecidos.*

*Não fujas da purificação que atua como fogo e que horroriza com seus fantasmas.*

*Rechaça o sobressalto e o desalento.*

*Rechaça o desejo de fugir para regiões baixas e obscuras.*

*Rechaça o apego às lembranças.*

*Permanece em liberdade interior, indiferente ao devaneio da paisagem, com resolução na ascensão.*

*A luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas de mil cores descem por entre melodias irreconhecíveis em direção aos planaltos e às campinas cristalinas.*

*Não temas a pressão da luz que te afasta de seu centro cada vez com mais força. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento, porque nela certamente está a vida.*

*Quando, na grande cadeia montanhosa, encontrares a cidade escondida, deverás conhecer a entrada. Porém, isso só saberás no momento em que tua vida for transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão ‘sentidas’. Nessa cidade, guarda-se o feito e o que se está por fazer... Mas para teu olho interno é opaco o transparente. Sim, os muros são impenetráveis para ti!*

*Toma a Força da cidade escondida. Volta ao mundo da vida densa com a tua frente e tuas mãos luminosas.”*

## **XV. A Experiência de Paz e a Passagem da Força**

1. Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente. Então, imagina uma esfera transparente e luminosa que, descendo até ti, termina por se alojar em teu coração. Reconhecerás nesse momento que a esfera deixa de aparecer como imagem para se transformar em sensação dentro do peito.
2. Observa como a sensação da esfera se expande lentamente de teu coração para fora do corpo, ao mesmo tempo em que tua respiração se torna mais ampla e profunda. Quando essa sensação chegar aos limites do corpo, poderás deter ali toda a operação e registrar a experiência de paz interior. Nela, podes permanecer o tempo que te pareça adequado. Então, faz retroceder essa expansão anterior (chegando, como no começo, ao coração) para se desprender da esfera e concluir o exercício calmo e reconfortado. Esse trabalho se chama “experiência de paz”.
3. Entretanto, se quiseses experimentar a passagem da Força, em vez de fazer retroceder a expansão, deverás aumentá-la, deixando que tuas emoções e todo teu ser a sigam. Não coloques tua atenção na respiração. Deixe que ela atue por si só, enquanto segues a expansão fora de teu corpo.
4. Devo repetir isto: tua atenção, em tais momentos, deve estar na sensação da esfera que se expande. Mas, se não podes conseguir isso, convém que te detenhas e tentes em outra oportunidade. De qualquer maneira, se não produzes a passagem, poderás experimentar uma interessante sensação de paz.
5. Se, entretanto, foste mais longe, começarás a experimentar a passagem. De tuas mãos e de outras zonas do corpo chegará a ti um tipo de sensação diferente do habitual. Logo perceberás ondulações progressivas e, em pouco tempo, brotarão com vigor imagens e emoções. Deixe, então, que se produza a passagem...
6. Ao receber a Força, perceberás a luz ou estranhos sons, dependendo de teu modo particular de representação habitual. Em todo caso, o importante será a experimentação da ampliação da consciência – e um de seus indicadores deverá ser uma maior lucidez e disposição para compreender o que ocorre.
7. Quando queiras, podes terminar com esse singular estado (se é que antes não se foi diluindo pelo simples transcorrer), imaginando ou sentindo que a esfera se contrai e logo sai de ti, do mesmo modo que havia chegado ao começar tudo aquilo.
8. É interessante compreender que numerosos estados alterados de consciência têm sido alcançados, quase sempre, colocando-se em andamento mecanismos similares aos descritos – certamente revestidos de estranhos rituais ou, às vezes, reforçados por práticas de esgotamento, desenfreno motriz, repetição e posturas que, em todos os casos, alteram a respiração e distorcem a sensação geral do intracampo. Deves reconhecer nesse campo a hipnose, a mediunidade e também a ação da droga que, atuando por outra via, produz alterações similares. E, certamente, todos os casos mencionados têm como característica o não controle e o desconhecimento do que ocorre. Desconfia de tais manifestações e as considera simples “transes” pelos quais passaram os ignorantes, os experimentadores e ainda os “santos”, segundo contam as lendas.
9. Se trabalhaste observando o recomendado, talvez, no entanto, não tenhas conseguido a passagem. Isso não pode se converter em foco de preocupação, mas em indicador de falta de “soltura” interior, o que poderia refletir muita tensão, problemas na dinâmica de imagem e, em suma, fragmentação no comportamento emotivo... Coisa que, por outro lado, estará presente em tua vida cotidiana.

## **XVI. Projeção da Força**

1. Se experimentaste a passagem da Força, poderás compreender como – baseando-se em fenômenos similares, mas sem nenhuma compreensão – distintos povos colocaram em marcha ritos e cultos que logo se multiplicaram sem cessar. Por meio de experiências do tipo já comentado, muitas pessoas sentiram seus corpos “desdobrados”. A experiência da Força deu-lhes a sensação de que essa energia podia ser projetada para fora de si.
2. A Força foi “projetada” a outros e também a objetos particularmente “aptos” para recebê-la e conservá-la. Creio que não será difícil que tu entendas a função que cumpriram certos sacramentos em distintas religiões e, igualmente, o significado de lugares sagrados e de sacerdotes supostamente “carregados” com a Força. Quando alguns objetos foram adorados com fé nos templos e cercados de cerimônia e rito, certamente “devolveram” aos crentes a energia acumulada pela oração repetida. É uma limitação do conhecimento sobre a ação humana o fato de que quase sempre essas coisas tenham sido vistas a partir da explicação externa, de acordo com a cultura, espaço, história e tradição, quando a experiência interna básica é um dado essencial para entender tudo isso.
3. Esse “projetar”, “carregar” e “restituir” a Força voltará a ocupar-nos mais adiante. Mas desde já te digo que o próprio mecanismo continua operando, mesmo em sociedades dessacralizadas, onde os líderes e os homens de prestígio estão nimbados de uma representação especial para aqueles que os veem e gostariam até de “tocá-los” ou apoderar-se de um fragmento de suas roupas ou de seus utensílios.
4. Porque toda representação do “alto” vai do olho para cima da linha normal do olhar. E “altas” são as personalidades que “possuem” a bondade, a sabedoria e a força. E no “alto” estão as hierarquias e os poderes e as bandeiras e o Estado. E nós, pobres mortais, devemos “ascender” na escala social e nos aproximarmos do poder a todo custo. Que mal estamos, manejados ainda por esses mecanismos que coincidem com a representação interna, com nossa cabeça no “alto” e nossos pés pregados à terra. Que mal estamos, quando se crê nessas coisas (e se crê porque têm sua “realidade” na representação interna). Que mal estamos, quando nosso olhar externo não é senão projeção ignorada do interno.

## **XVII. Perda e Repressão da Força**

1. As maiores descargas de energia são produzidas por atos descontrolados. Estes são: a imaginação sem freio, a curiosidade sem controle, a conversação desmedida, a sexualidade excessiva e a percepção exagerada (olhar, ouvir, degustar, etc. de maneira excessiva e sem objetivo). Deves, porém, reconhecer também que muitos procedem desse modo porque descarregam suas tensões que, de outro modo, seriam dolorosas. Considerando isso, e vendo a função com que cumprem tais descargas, convirás comigo que não é razoável reprimi-las, mas sim ordená-las.
2. Quanto à sexualidade, deves interpretar corretamente o seguinte: tal função não deve ser reprimida, porque nesse caso cria efeitos mortificantes e contradição interna. A sexualidade orienta-se e se conclui em seu ato, mas não é conveniente que continue afetando a imaginação ou buscando novo objeto de possessão de modo obsessivo.
3. O controle do sexo por uma determinada “moral” social ou religiosa serviu a desígnios que nada tinham a ver com a evolução, senão com o contrário.
4. A Força (a energia da representação da sensação do intracorpo) desdobrou-se em direção ao crepuscular nas sociedades reprimidas e ali se multiplicaram os casos de “endemoniados”, “bruxos”, sacrílegos e criminosos de toda laia, que gozaram com o sofrimento e a destruição da vida e da beleza. Em algumas tribos e civilizações, os criminosos estavam divididos entre os que fizeram justiça e os justificados. Em outros casos, tudo que era ciência e progresso foi perseguido porque se opunha ao irracional, ao crepuscular e ao reprimido.
5. Em certos povos primitivos, ainda existe a repressão do sexo, assim como em outros considerados como “civilização avançada”. É evidente que, tanto nestes quanto naqueles, o signo destrutivo é grande, embora nos dois casos as origens de tal situação sejam distintas.
6. Se me pedes mais explicações, dir-te-ei que o sexo é na realidade santo e o centro a partir do qual se impulsiona a vida e toda a criatividade. Assim como desse centro também se impulsiona toda a destruição, quando seu funcionamento não está resolvido.
7. Jamais acredites nas mentiras dos envenenadores da vida, quando se referem ao sexo como algo desprezível. Ao contrário, nele há beleza e não em vão está relacionado com os melhores sentimentos do amor.
8. Sê cuidadoso, então, e o considera como uma grande maravilha que se deve tratar com delicadeza, sem convertê-lo em fonte de contradição ou desintegração da energia vital.

## **XVIII. Ação e Reação da Força**

*Expliquei-te anteriormente: “Quando encontrares uma grande força, alegria e bondade em teu coração ou quando te sentires livre e sem contradições, imediatamente agradece em teu interior”.*

1. “Agradecer” significa concentrar os estados de ânimo positivos associados a uma imagem, a uma representação. Esse estado positivo assim ligado permite que, em situações desfavoráveis, por evocar uma coisa surja aquela que a acompanhou em momentos anteriores. Como, além disso, essa “carga” mental pode estar elevada por repetições anteriores, ela é capaz de desalojar emoções negativas que determinadas circunstâncias puderam impor.

2. Por tudo isso, do teu interior voltará ampliado em benefício aquilo que pedires, sempre que tenhas acumulado em ti numerosos estados positivos. E já não necessito repetir que esse mecanismo serviu (confusamente) para “carregar fora” objetos ou pessoas, ou ainda entidades internas que se exteriorizaram, acreditando-se que atenderiam a súplicas e pedidos.

## XIX. Os Estados Internos

*Deves adquirir agora suficiente percepção dos estados internos nos quais podes encontrar-te ao longo de tua vida e, particularmente, ao longo de teu trabalho evolutivo. Não tenho outra maneira de fazer a descrição, senão com imagens (nesse caso, alegorias). Essas, segundo me parece, têm por virtude concentrar “visualmente” estados de ânimo complexos. Por outro lado, a singularidade de encadear tais estados, como se fossem distintos momentos de um mesmo processo, introduz uma variante nas descrições sempre fragmentadas a que nos acostumaram aqueles que se ocupam dessas coisas.*

1. O primeiro estado, no qual prevalece o sem-sentido (aquele que mencionamos no começo) será chamado de “vitalidade difusa”. Tudo se orienta pelas necessidades físicas, mas estas são confundidas, amiúde, com desejos e imagens contraditórias. Ali há escuridão nos motivos e nos afazeres. Permanece-se nesse estado vegetando, perdido entre formas variáveis. A partir desse ponto, pode-se evoluir apenas por duas vias: a via da morte ou a da mutação.
2. A via da morte coloca-te em presença de uma paisagem caótica e escura. Os antigos conheceram essa paisagem e quase sempre a localizaram “abaixo da terra” ou nas profundezas abismais. Também alguns visitaram esse reino para depois “ressuscitar” em níveis luminosos. Capta bem isso de que “abaixo” da morte existe a vitalidade difusa. Talvez a mente humana relacione a desintegração mortal com fenômenos posteriores de transformação e, também, talvez associe o movimento difuso com o prévio ao nascimento. Se tua direção é de ascenso, a “morte” significa um rompimento com tua etapa anterior. Pela via da morte ascende-se a outro estado.
3. Chegando a ele, encontra-se o refúgio da regressão. Dali, abrem-se dois caminhos: o do arrependimento e aquele outro que serviu para a ascensão, ou seja, o caminho da morte. Se tomas o primeiro é porque tua decisão tende a romper com tua vida passada. Se regressas pelo caminho da morte, recais nos abismos com essa sensação de círculo fechado.
4. Pois bem, disse-te que havia outro caminho para escapar da vitalidade abismal – esse era o da mutação. Se escolhes essa via é porque queres emergir do teu penoso estado, mas sem estar disposto a abandonar alguns de seus aparentes benefícios. É, pois, um falso caminho conhecido como o da “mão torta”. Muitos monstros saíram das profundezas desse corredor tortuoso. Eles quiseram tomar os céus de assalto sem abandonar os infernos e, assim, projetaram em meio mundo infinita contradição.
5. Suponho que, ascendendo a partir do reino da morte e por teu consciente arrependimento, já chegaste à morada da tendência. Duas delgadas colunas sustentam tua morada: a conservação e a frustração. A conservação é falsa e instável. Caminhando por ela te iludes com a ideia de permanência, mas na realidade desces velozmente. Entretanto, se tomas o caminho da frustração, tua subida é penosa, mas a única-não-falsa.
6. De fracasso em fracasso, podes chegar ao próximo descanso, que se chama “morada do desvio”. Cuidado com as duas vias que tens agora adiante: ou tomas o caminho da resolução, que te leva à geração, ou tomas o do ressentimento, que te faz descer novamente até a regressão. Ali estás plantado frente ao dilema: ou te decides pelo labirinto da vida consciente, e o fazes com resolução, ou regressas ressentido à tua vida anterior. São muitos os que, não conseguindo superar-se, cortam ali suas possibilidades.
7. Mas tu, que ascendeste com resolução, encontra-te agora na pousada conhecida como “geração”. Ali tens três portas: uma se chama “Queda”, a outra “Tentativa” e a terceira, “Degradação”. A “Queda” leva diretamente às profundezas e só um acidente externo poderia empurrar-te em direção a ela. É difícil que escolhas essa porta. Já a da “Degradação” leva-te indiretamente aos abismos, desandando caminhos, em uma espécie de espiral turbulenta, em que reconsideras continuamente todo o perdido e todo o sacrificado. Esse exame de consciência que leva à Degradação é, certamente, um falso exame no qual subestimas e desproporcionas algumas

coisas que comparas. Tu comparas o esforço da ascensão com aqueles “benefícios” que abandonaste. Mas, se olhas as coisas mais de perto, verás que não abandonaste nada por este motivo, mas por outros. A “Degradação” começa, portanto, falseando os motivos que, ao que parece, foram alheios à ascensão. Eu pergunto agora: o que atraíoa a mente? Por acaso os falsos motivos de um entusiasmo inicial? Por acaso a dificuldade da empreitada? Por acaso a falsa recordação de sacrifícios que não existiram ou que foram impulsionados por outros motivos? Eu te digo e te pergunto agora: tua casa incendiou-se faz tempo. Por isso decidiste pela ascensão. Ou pensas agora que por ascenderes é que ela se incendiou? Por acaso olhaste um pouco o que aconteceu com outras casas dos arredores?... Não há dúvida que deves escolher a porta do meio.

8. Sobes pela escada da Tentativa e chegarás a uma cúpula instável. Dali, deslocar-te-ás por um corredor estreito e sinuoso que conhecerás como a “volubilidade”, até chegar a um espaço amplo e vazio (como uma plataforma) que tem como nome: “espaço-aberto-da-energia”.

9. Nesse espaço, podes espantar-te com a paisagem deserta e imensa e com o aterrador silêncio dessa noite transfigurada por enormes estrelas imóveis. Ali, exatamente sobre tua cabeça, verás cravada no firmamento a insinuante forma da Lua Negra, uma estranha lua eclipsada que se opõe exatamente ao sol. Ali deves esperar a alvorada, paciente e com fé, pois nada de mal pode ocorrer se te manténs calmo.

10. Talvez em tal situação quisesses conseguir uma saída imediata dali. Se isso acontece, poderias, às apalpadelas, encaminhar-te para qualquer lugar a fim de não esperar o dia prudentemente. Deves recordar que todo movimento ali (na escuridão) é falso e genericamente chamado de “improvisação”. Se, esquecendo-te do que agora menciono, começares a improvisar movimentos, tem a certeza de que serás arrastado por um turbilhão entre caminhos e moradas até o fundo mais escuro da dissolução.

11. Quão difícil é compreender que os estados in-ternos estão encadeados uns aos outros! Se viesses que lógica inflexível tem a consciência, perceberias que, na situação descrita, quem improvisa às escuras fatalmente começa a degradar e a degradar-se; surgem nele depois os sentimentos de frustração e vai caindo a seguir no ressentimento e na morte, sobrevivendo o esquecimento de tudo o que algum dia chegou a perceber.

12. Se na esplanada consegues alcançar o dia, surgirá diante de teus olhos o radiante Sol que há de iluminar-te pela primeira vez a realidade. Então verás que em todo o existente vive um Plano.

13. É difícil que caias dali, salvo que voluntariamente queiras descer até regiões mais escuras para levar a luz às trevas.

*Não convém desenvolver mais esses temas, porque sem experiência enganam, transportando ao campo do imaginário o que é realizável. Que sirva o que foi dito até aqui. Se o que foi explicado não te fosse útil, o que poderias objetar, já que nada tem fundamento e razão para o ceticismo, próximo à imagem de um espelho, ao som de um eco, à sombra de uma sombra.*

## XX. A Realidade Interior

1. Repara em minhas considerações. Nelas não haverás de intuir senão alegóricos fenômenos e paisagens do mundo externo. Mas nelas há também descrições reais do mundo mental.
2. Tampouco deves crer que os “lugares” por onde passas em teu andar tenham algum tipo de existência independente. Semelhante confusão muitas vezes obscureceu ensinamentos profundos e assim, até hoje, alguns creem que céus, infernos, anjos, demônios, monstros, castelos encantados, cidades remotas e outras coisas têm uma realidade visível para os “iluminados”. O mesmo preconceito, mas com interpretação inversa, tornaram presa os céuticos sem sabedoria, que tomaram essas coisas por simples ilusões ou alucinações padecidas por mentes febris.
3. Devo repetir, então, que deves compreender que tudo isso trata de verdadeiros estados mentais, embora simbolizados com objetos próprios do mundo externo.
4. Leva em consideração o que foi dito e aprende a descobrir a verdade por trás das alegorias, que por vezes desviam a mente, mas que traduzem realidades impossíveis de captar sem representação.

*Quando se falou das cidades dos deuses, aonde quiseram chegar diversos heróis de diferentes povos; quando se falou de paraísos, em que deuses e homens conviviam em original natureza transfigurada; quando se falou de quedas e dilúvios, foi dita uma grande verdade interior.*

*Depois os redentores trouxeram suas mensagens e chegaram a nós em dupla natureza para restabelecer aquela nostálgica unidade perdida. Também, então, foi dita uma grande verdade interior.*

*No entanto, quando tudo aquilo foi dito colocando-se fora da mente, errou-se ou se mentiu.*

*Inversamente, o mundo externo confundido com o olhar interior obriga este a recorrer novos caminhos.*

*Assim, hoje voa em direção às estrelas o herói desta idade. Voa através de regiões antes ignoradas. Voa para fora de seu mundo e, sem saber, vai impulsionado para o centro interno e luminoso.*

## **A PAISAGEM INTERNA**

## **I. A Pergunta**

1. Eis aqui minha pergunta: à medida que a vida passa, cresce em ti a felicidade ou o sofrimento? Não peças que defina essas palavras. Responde de acordo ao que sentes...
2. Mesmo que sábio e poderoso, se não crescem em ti e naqueles que te rodeiam a felicidade e a liberdade, rejeitarei teu exemplo.
3. Aceita, em troca, minha proposta: segue o modelo daquilo que nasce, não do que caminha para a morte. Salta por cima de teu sofrimento e, então, não crescerá o abismo, mas a vida que há em ti.
4. Não há paixão, nem ideia, nem ato humano que se desentenda do abismo. Portanto, tratemos do único que merece ser tratado: o abismo e aquilo que o ultrapassa.

## II. A Realidade

1. O que queres? Quando dizes que o mais importante é o amor ou a segurança, então falas de estados de ânimo, de algo que não vês.
2. Se dizes que o mais importante é o dinheiro, o poder, o reconhecimento social, a causa justa, Deus ou a eternidade, então falas de algo que vês ou que imaginas.
3. Estaremos de acordo quando disseres: "Quero a causa justa porque rechaço o sofrimento"; "quero isto porque me tranquiliza, não quero aquilo porque me desconserta ou me violenta".
4. Será, então, que toda aspiração, toda intenção, toda afirmação e toda negação têm como centro teu estado de ânimo? Poderias replicar que, estejas triste ou alegre, um número é sempre o mesmo e que o sol é o sol, mesmo que não exista o ser humano.
5. Dir-te-ei que um número é diferente de si mesmo, conforme tenhas que dar ou receber, e que o sol ocupa mais lugar nos seres humanos do que nos céus.
6. O fulgor de uma chispa acesa ou de uma estrela dança para teu olho. Assim, não há luz sem olho e se outro fosse o olho, distinto efeito teria esse fulgor.
7. Portanto, que teu coração afirme: "Amo esse fulgor que vejo!", mas que nunca diga: "Nem o sol, nem a chispa, nem a estrela têm a ver comigo!"
8. De que realidade falas ao peixe e ao réptil, ao grande animal, ao pequeno inseto, à ave, à criança, ao ancião, ao que dorme e ao que, frio ou febril, vigia em seu cálculo ou em seu espanto?
9. Digo que o eco do real murmura ou retumba conforme o ouvido que percebe; que se outro fosse o ouvido, outro canto teria o que chamas de "realidade".
10. Portanto, que teu coração afirme: "Quero a realidade que construo!"

### III. A Paisagem Externa

*Olha como lentamente caminha esse casal. Enquanto ele enlaça sua cintura, ela reclina sua cabeça sobre o ombro amistoso. E avançam no outono das folhas crepitantes... Na expiração do amarelo, do vermelho e do violeta. Jovens e formosos avançam, contudo, para a tarde de uma névoa cinzenta. Uma garoa fria e as brincadeiras das crianças, sem crianças, em jardins desertos.*

1. Para alguns, isso reaviva suaves e, talvez, amáveis lembranças. Para outros, libera sonhos. Para outros mais, promessas que serão cumpridas nos dias radiantes que virão. Assim, diante de um mesmo mar, este se angustia e aquele, reconfortado, expande-se. E mil outros, surpresos, contemplam os penhascos gelados; enquanto outros admiram esses cristais talhados em escala gigantesca. Uns, deprimidos; outros, exaltados diante da mesma paisagem.
2. Se uma mesma paisagem é diferente para duas pessoas, onde está a diferença?
3. Deve acontecer com aquilo que se vê e aquilo que se escuta. Toma como exemplo a palavra "futuro". Este se crispa, aquele permanece indiferente e um terceiro sacrificaria seu "hoje" por ela.
4. Toma como exemplo a música. Toma como exemplo as palavras com significado social ou religioso.
5. Às vezes, uma paisagem é reprovada ou aceita pelas multidões e pelos povos. Mas essa reprovação ou aceitação está na paisagem ou no seio das multidões e dos povos?
6. Entre a suspeita e a esperança, tua vida orienta-se para paisagens que coincidem com algo que há em ti.
7. Todo esse mundo que não escolheste, mas que te foi dado para que humanizes, é a paisagem que mais cresce quanto mais cresce a vida. Portanto, que teu coração nunca diga: "Nem o outono, nem o mar, nem os montes gelados têm a ver comigo", mas que afirme: "Quero a realidade que construo!"

#### IV. A Paisagem Humana

*Se uma estrela distante está ligada a ti, que devo pensar de uma paisagem vivente, na qual os veados esquivam-se de árvores antigas e os animais mais selvagens lambem suavemente suas crias? Que devo pensar da paisagem humana, na qual, convivendo a opulência e a miséria, algumas crianças riem e outras não encontram forças para expressar seu pranto?*

1. Porque, se dizes: "Chegamos a outros planetas", deves declarar também: "Massacramos e escravizamos povos inteiros, superlotamos os cárceres com pessoas que pediam liberdade, mentimos desde o amanhecer até a noite... Falseamos nosso pensamento, nosso afeto, nossa ação. Atentamos contra a vida a cada passo porque criamos sofrimento".

2. Nessa paisagem humana, conheço meu caminho. O que acontecerá se nos cruzarmos em direção oposta? Eu renuncio a todo bando que proclame um ideal mais alto do que a vida e a toda causa que, para se impor, gere sofrimento. Por isso, antes de me acusar por não fazer parte de facções, examina tuas mãos. Que nelas não descubras o sangue dos cúmplices. E se crês que é valente comprometer-se com aquelas, que dirás desse a quem todos os bandos assassinos acusam de não se comprometer? Quero uma causa digna da paisagem humana: a que se compromete a superar a dor e o sofrimento.

3. Nego todo o direito à acusação que provenha de um bando em cuja história, próxima ou distante, figure a supressão da vida.

4. Nego todo o direito à suspeita que provenha daqueles que ocultam seus suspeitosos rostos.

5. Nego todo o direito a bloquear os novos caminhos que o ser humano precisa percorrer, mesmo que se coloque como máximo argumento a urgência atual.

6. Nem mesmo o pior dos criminosos me é estranho. E, se o reconheço na paisagem, reconheço-o em mim. Portanto, quero superar aquilo que em mim e em todo homem luta para suprimir a vida. Quero superar o abismo!

*Todo o mundo ao qual aspiras, toda a justiça que reivindicas, todo o amor que buscas, todo ser humano que queres seguir ou destruir também estão em ti. Tudo o que mudar em ti mudará tua orientação na paisagem em que vives. Desse modo, se necessitas algo novo, deves superar o velho que domina em teu interior. E como farás isso? Começarás por perceber que, ainda que mudes de lugar, levas contigo tua paisagem interna.*

## V. A Paisagem Interna

1. Tu buscas o que acreditas que te fará feliz. Isso que acreditas, no entanto, não coincide com o que o outro busca. Tu e o outro poderiam almejar coisas opostas e chegar a acreditar que a felicidade de um se opõe à do outro; ou então, poderiam desejar a mesma coisa e, sendo esta única ou escassa, chegar a crer, do mesmo modo, que a felicidade de um se opõe à do outro.
2. Ao que parece, poder-se-ia disputar tanto um mesmo objeto quanto objetos opostos entre si. Estranha lógica a das crenças, capaz de mobilizar um comportamento similar a respeito de um objeto e de seu oposto!
3. Há de estar na essência do que crês a chave do que fazes. Tão poderoso é o fascínio do que crês que afirmas sua realidade, mesmo que ela só exista em tua cabeça.
4. Voltando, porém, ao ponto: tu procuras o que acreditas que te fará feliz. Aquilo que crês das coisas não está nelas, mas em tua paisagem interna. Quando tu e eu observamos essa flor, podemos coincidir em muitas coisas. Porém, quando dizes que ela te dará a felicidade suprema, dificultas minha compreensão, porque já não falas da flor, mas do que crês que ela fará em ti. Falas de uma paisagem interna que talvez não coincida com a minha. Bastará que dê um passo a mais para que tentes impor tua paisagem. Mede as consequências que podem derivar desse fato.
5. É claro que tua paisagem interna não é somente aquilo que crês sobre as coisas, mas também o que lembras, o que sentes e o que imaginas sobre ti e os demais, sobre os fatos, os valores e o mundo em geral. Talvez precisemos compreender isto: paisagem externa é o que percebemos das coisas; paisagem interna é o que filtramos delas com a peneira do nosso mundo interno. Essas paisagens são uma só e constituem nossa indissolúvel visão da realidade.

## VI. Centro e Reflexo

*"Paisagem externa é o que percebemos das coisas; paisagem interna é o que filtramos delas com a peneira do nosso mundo interno. Essas paisagens são uma só e constituem nossa indissolúvel visão da realidade." E é por essa visão que nos orientamos em uma ou outra direção.*

1. Porém, está claro que, conforme avanças, modifica-se tua visão.
2. Não há aprendizagem, por pequena que seja, que se cumpra só ao contemplar. Aprendes porque algo fazes com o que contemplas e quanto mais fazes, mais aprendes, já que, à medida que avanças, tua visão modifica-se.
3. O que aprendeste sobre o mundo? Tens aprendido o que tens feito. O que queres do mundo? Queres conforme o que tenha te acontecido. O que não queres do mundo? Não queres de acordo com o que te ocorreu.
4. Escuta-me, cavaleiro que cavalga montado no tempo: podes chegar à tua paisagem mais profunda por três diferentes sendas. E o que encontrarás em seu interior? Coloca-te no centro de tua paisagem interna e verás que toda direção multiplica esse centro.
5. Rodeada por uma muralha triangular de espelhos, tua paisagem reflete-se infinitamente em infinitos matizes. E ali todo movimento converte-se e se recompõe uma e outra vez, conforme orientes tua visão pelo caminho de imagens que tenhas escolhido. Podes chegar a ver diante de ti tuas próprias costas e, ao mover uma mão à direita, esta responderá à esquerda.
6. E, se ambicionas algo no espelho do futuro, verás que corre em direção oposta no espelho do hoje ou do passado.
7. Cavaleiro que cavalga montado no tempo, o que é teu corpo senão o próprio tempo?

## **VII. Dor, Sofrimento e Sentido da Vida**

1. A fome, a sede, a enfermidade e toda injúria corporal são dor. O temor, a frustração, a desesperança e toda injúria mental são sofrimento. A dor física retrocederá à medida que avancem a sociedade e a ciência. O sofrimento mental retrocederá à medida que avance a fé na vida, isto é, à medida que a vida adquira um sentido.
2. Se acaso te imaginas como um bólido fugaz que perdeu seu brilho ao tocar essa terra, aceitarás a dor e o sofrimento como a própria natureza das coisas. Mas se acreditas que foste lançado ao mundo para cumprir a missão de humanizá-lo, agradecerás aos que te precederam e construíram trabalhosa e teu degrau para continuar na ascensão.
3. Nomeador de mil nomes, fazedor de sentido, transformador do mundo... Teus pais e os pais de teus pais continuam em ti. Não és um bólido que cai, mas uma brilhante seta que voa em direção aos céus. És o sentido do mundo e, quando aclaras teu sentido, iluminas a terra. Quando perdes teu sentido, a terra escurece e se abre o abismo.
4. Dir-te-ei qual é o sentido de tua vida aqui: humanizar a terra! O que é humanizar a terra? É superar a dor e o sofrimento, é aprender sem limites, é amar a realidade que constróis.
5. Não posso te pedir que vás além, mas tampouco será ultrajante que eu afirme: "Ama a realidade que constróis e nem mesmo a morte deterá teu vôo!"
6. Não cumprirás com tua missão se não aplicares tuas forças para vencer a dor e o sofrimento naqueles que te rodeiam. E se conseguires que eles, por sua vez, empreendam a tarefa de humanizar o mundo, abrirás seu destino para uma vida nova.

## VIII. O Cavaleiro e sua Sombra

*Quando o sol resplandeceu o caminho, a silhueta alongou-se entre pedras e matagais severos. E o cavaleiro foi diminuindo a marcha, até que se deteve bem perto de uma fogueira recente. E um homem velho, que com suas mãos acariciava as chamas, saudou o cavaleiro. Este desmontou e ambos conversaram. Depois, o cavaleiro continuou seu caminho.*

*Quando a sombra baixou sob os cascos do cavalo, o cavaleiro parou por um instante e trocou palavras com um homem que o deteve à beira do caminho.*

*Quando a sombra alongou-se às costas do cavaleiro, este já não diminuiu o passo. E um jovem que quis detê-lo chegou a gritar: "Vais na direção oposta!"*

*Mas a noite desmontou o cavaleiro e este só via a sombra em sua alma. Então, suspirando para si mesmo e para as estrelas, disse: "No mesmo dia, um velho falou-me da solidão, da doença e da morte; um homem, sobre como as coisas são e as realidades da vida. Finalmente, um jovem nem sequer me falou, mas, aos gritos, quis desviar meu caminho em direção desconhecida. O velho sentia medo de perder suas coisas e sua vida; o homem, temor de não conseguir o que acreditava que fossem suas coisas e sua vida. E o jovem, temor de não poder escapar de suas coisas e sua vida.*

*Estranhos encontros esses, em que o velho sofre pelo curto futuro e se refugia em seu longo passado. O homem sofre por sua situação atual, buscando abrigo no que passou ou haverá de suceder, segundo o ajuste pela frente ou por trás. E o jovem sofre porque um curto passado morde seus calcanhares, impulsionando sua fuga para o longo futuro. No entanto, reconheço no rosto dos três meu próprio rosto e me pareceu que todo ser humano, seja qual for sua idade, pode transitar por esses tempos e ver neles fantasmas que não existem. Ou existe hoje aquela ofensa de minha juventude? Ou existe hoje a minha velhice? Ou se aninha hoje, nessa obscuridade, minha morte?*

*Todo sofrimento desliza-se por lembrança, por imaginação ou por aquilo que se percebe. Mas, graças a essas três vias, existe o pensamento, o afeto e o quefazer humano. Há de ser, então, que, se essas vias são necessárias, também são veículos de destruição se o sofrimento as contamina.*

*Mas não será o sofrimento o aviso que nos dá a vida quando sua correnteza é invertida? A vida pode ser invertida por algo (para mim desconhecido) que se faz com ela. Portanto, esse ancião, esse homem e esse jovem fizeram algo com suas vidas para que elas se invertessem."*

*Então, o cavaleiro, que meditava na escuridão da noite, dormiu. E ao dormir sonhou e em seu sonho iluminou-se a paisagem. Ali estava no centro de um espaço triangular cercado por espelhos. Os espelhos refletiam sua imagem, multiplicando-a. Conforme a direção que escolhesse, via-se como ancião; ao tomar outra, seu rosto era do homem ou, finalmente, de garoto... Mas ele se sentia como uma criança no centro de si mesmo.*

*Então, tudo começou a escurecer e, quando não pôde reconhecer mais do que uma pesada escuridão, acordou. Abriu os olhos e viu a luz do sol. Então, montou em sua cavalgadura e, ao ver que a sombra estendia-se, disse para si: "É a contradição o que inverte a vida e gera sofrimento... O sol se põe para que o dia seja noite, mas o dia será conforme o que eu faça com ele".*

## IX. Contradição e Unidade

1. A contradição inverte a vida. É a inversão dessa corrente crescente da vida o que se experimenta como sofrimento. Por isso, o sofrimento é o sinal que adverte sobre a necessidade de mudança na direção das forças que se opõem.
2. Aquele que se encontra detido na marcha por sua repetida frustração está aparentemente detido porque, na verdade, regressa. Uma e outra vez, os fracassos passados fecham seu futuro. Quem se sente frustrado vê o futuro como repetição de seu passado, ao mesmo tempo em que experimenta a necessidade de se separar dele.
3. Quem está preso ao ressentimento e encara o futuro, o que não fará para vingar, em intrincada revanche, seu passado?
4. Na frustração e no ressentimento, violenta-se o futuro para que curve seu lombo em sofrido regresso.
5. Por vezes, os sábios recomendaram o amor como escudo protetor dos sofridos embates... Mas a palavra "amor", enganosa palavra, significa para ti a revanche do passado ou uma original, límpida e desconhecida aventura lançada ao porvir?
6. Assim como tenho visto o solene cobrir grotescamente o ridículo, assim como tenho visto a vazia seriedade enlutar a graça do talento, tenho reconhecido em muitos amores a auto-afirmação vingativa.
7. Que imagem tens dos sábios? Não é verdade que os concebes como seres solenes, de gestos pausados, como quem tem sofrido enormemente e, em função desse mérito, convidam-te desde as alturas com suaves frases nas quais se repete a palavra "amor"?
8. Eu, em todo verdadeiro sábio, tenho visto uma criança que brinca no mundo das ideias e das coisas, que cria generosas e brilhantes bolhas que ele mesmo faz estourar. Nos faiscantes olhos de todo sábio verdadeiro tenho visto "dançar para o futuro os pés ligeiros da alegria". E muito poucas vezes tenho escutado de sua boca a palavra "amor"... Porque um sábio verdadeiro nunca jura em vão.
9. Não acredites que pela vingança purificas teu passado sofrido, nem tampouco por usar o "amor" como poderosa palavra ou como recurso de uma nova armadilha.
10. Verdadeiramente amarás quando construíres com a mira colocada no futuro. E, se recordas o que foi um grande amor, só haverás de acompanhá-lo com suave e silenciosa nostalgia, agradecendo o ensinamento que tenha chegado até o dia de hoje.
11. Assim, não romperás teu sofrimento passado falseando ou aviltando o futuro, mas mudando a direção das forças que provocam contradição em ti.
12. Creio que saberás distinguir entre o que é dificuldade (bem-vinda seja, já que podes saltar sobre ela) e o que é contradição (solitário labirinto sem ponto de saída).
13. Todo ato contraditório que, por qualquer circunstância, tenhas efetuado em tua vida tem um inequívoco sabor de violência interna e traição a ti mesmo. E não importará por que motivos te encontraste nessa situação, mas sim como organizaste tua realidade, tua paisagem, nesse preciso instante. Algo se fraturou e mudou teu rumo. Isso te predispôs a uma nova fratura. Assim, todo ato contraditório te orienta à sua repetição, da mesma maneira que todo ato de unidade interna também busca sua repetição mais adiante.
14. Nos atos cotidianos, vencem-se dificuldades, alcançam-se pequenos objetivos ou colhem-se minúsculos fracassos. São atos que comprazem ou desagradam, mas que acompanham o viver diário, como os andaimes de uma grande construção. Eles não são a construção, mas são necessários para que esta se efetue. Talvez esses andaimes sejam de um material ou de outro – isso não importa, desde que sejam idôneos para seu objetivo.
15. Quanto à construção em si, onde puseres material defeituoso, multiplicarás o defeito e, onde puseres material sólido, projetarás a solidez.

16. Os atos contraditórios ou unitivos constituem a essencial construção de tua vida. No momento em que te encontras diante deles, não te deves equivocar, porque, se o fizeres, comprometerás teu futuro e inverterás a corrente de tua vida... Como sairás depois do sofrimento?
17. Mas acontece que nesses momentos já são numerosos teus atos contraditórios. Se desde os alicerces tudo está falseado, o que fica por fazer? Desmontar por acaso toda tua vida para começar de novo? Permita-me dizer-te que não creio que toda tua construção seja falsa. Portanto, abandona ideias drásticas que possam acarretar males maiores do que hoje padeces.
18. Uma vida nova não se baseia na destruição dos "pecados" anteriores, mas em seu reconhecimento, de maneira que fique claro, daí em diante, a inconveniência daqueles erros.
19. Uma vida começa quando começam a se multiplicar os atos unitivos, de maneira que sua qualidade vá compensando (até finalmente desequilibrar favoravelmente) a relação de forças anterior.
20. Deves ser muito claro nisto: tu não estás em guerra contigo mesmo. Começarás a te tratar como um amigo com quem é necessário reconciliar-se, porque a própria vida e a ignorância afastaram-te dele.
21. Necessitarás de uma primeira decisão para te reconciliar, compreendendo tuas contradições anteriores. Depois, uma nova decisão para querer vencer tuas contradições. Por último, a decisão de construir tua vida com atos de unidade, rejeitando os materiais que tanto prejuízo atraíram sobre tua cabeça.
22. É conveniente, de fato, que reconheças, em teu passado e em tua situação atual, os atos contraditórios que verdadeiramente aprisionam-te. Para reconhecê-los, basear-te-ás nos sofrimentos acompanhados de violência interna e no sentimento de traição a ti mesmo. Eles têm claros sinais.
23. Não estou dizendo que te deves mortificar com exaustivos repasses do passado e do momento atual. Recomendo, simplesmente, que consideres tudo aquilo que mudou teu rumo em direção desafortunada e que te mantém ligado com fortes ataduras. Não te enganes mais uma vez, ao te dizeres que aqueles são "problemas superados". Não está superado, nem compreendido adequadamente, aquilo que não haja sido comparado com uma nova força que compense e ultrapasse sua influência.
24. Todas essas sugestões terão valor se estiveres disposto a criar uma nova paisagem em teu mundo interno. Mas nada poderás fazer por ti pensando só em ti. Se quiseres avançar, deverás algum dia admitir que tua missão é humanizar o mundo que te rodeia.
25. E, se queres construir uma vida nova, livre de contradições, superadora crescente do sofrimento, terás em conta dois falsos argumentos: o primeiro oferece-se como a necessidade de solucionar os problemas íntimos, antes de encarar qualquer ação construtiva no mundo. O segundo aparece como um total esquecimento de si mesmo, como um declarado "compromisso com o mundo".
26. Se quiseres crescer, ajudarás a crescer aqueles que te rodeiam. E isso que afirmo, estejas ou não de acordo comigo, não admite outra saída.

## **X. A Ação Válida**

1. Toda inversão na correnteza crescente da vida experimenta-se como sofrimento. Por isso, não apenas a contradição é fonte de injúria mental, mas, enquanto numerosas formas de sofrimento podem ser ultrapassadas por força das circunstâncias, a contradição permanece tecendo sua obscura rede de sombras.
2. Quem não sofreu a perda de afetos, de imagens, de objetos? Quem não temeu, quem não se desesperou, quem não se compadeceu e quem não se agitou em irritada rebelião contra os homens, a natureza ou os fatais desenlaces não desejados? No entanto, aquilo que se temeu na escuridão desfez-se com o dia e muito do perdido foi esquecido. Mas, aquela íntima traição a si mesmo perdura no passado e envenena o futuro.
3. O mais importante da vida humana constrói-se com materiais de unidade ou contradição. E essa é a profunda memória que continua projetando a existência além de todo aparente limite ou que a desintegra no preciso umbral. Que caiba a todo ser humano em sua revisão final a rememoração de sua unidade interna!
4. E qual é o sabor do ato de unidade? Para reconhecê-lo, basear-te-ás na profunda paz que, acompanhada de uma suave alegria, coloca-te de acordo contigo mesmo. Esse ato tem por sinal a verdade mais íntegra, porque nele se unificam em estreita amizade o pensamento, o sentimento e o fazer no mundo. Indubitável ação válida que se afirmaria mil vezes mais, se vivesse outras tantas vidas!
5. Todo fenômeno que faz retroceder o sofrimento em outros se registra em quem o produz como um ato válido, como um ato de unidade.
6. Entre duas tendências limita-se o fazer: ali, o abismo que cresce na contradição e, por cima, o voo que permite ultrapassá-lo em ato válido.
7. E a corda da vida toma sua singular modulação, conforme se afrouxe ou se tensione, até alcançar a nota a que se aspira. Deve haver uma nota, um ajuste e um especial procedimento, de maneira que a vibração rode e logo se multiplique de modo conveniente.
8. A moral dos povos balbuciou com o homem à medida que este se ergueu na paisagem. E a moral assinalou o "sim" e o "não" da ação, reivindicando o "bom" e perseguindo o "mal". Continuará o bom sendo bom, nessa paisagem tão diversa? Se um imutável Deus assim afirma, que seja! Mas se Deus desapareceu para muitos, a quem cabe agora julgar? Porque a lei muda com a opinião dos tempos.
9. Este é o ponto: aqueles princípios de ação válida que permitem a todo ser humano viver em unidade interna serão imagens fixas que deverão ser obedecidas ou corresponderão ao que se experimente quando forem rejeitados ou cumpridos?
10. Não discutiremos aqui a natureza dos princípios de ação válida. De qualquer maneira, levaremos em conta a necessidade de sua existência.

## **XI. Projeção da Paisagem Interna**

*Falamos da paisagem, do sofrimento, da contradição e daqueles atos que dão unidade à corrente da vida. Poder-se-ia crer que tudo isso permanece fechado no interior de cada ser humano ou, em todo caso, que se exterioriza como ação individual sem outra consequência. Pois bem, as coisas são de modo oposto.*

1. Toda contradição inverte a vida, comprometendo o futuro de quem a padece e daqueles que estão em contato com esse agente transmissor de infortúnio. Toda contradição pessoal contamina a paisagem humana imediata, como invisível enfermidade que se detecta somente em seus efeitos.
2. Antigamente, culpavam-se os demônios e bruxos por toda praga que assolava as regiões. Mas, com o tempo, o avanço da ciência fez mais pelos acusadores e acusados do que o milenar clamor irresponsável. Em qual bando terias comprometido tua opinião? Tanto do lado dos puros quanto dos réprobos, terias somente ressaltado tua torpeza.
3. Ainda hoje, quando buscas os culpáveis de tuas desgraças, soma-te à longa corrente da superstição. Reflete, portanto, antes de levantar teu dedo, porque talvez o acidente ou, em outros casos, a projeção de tuas contradições provocaram os tristes desenlaces.
4. Que teus filhos orientem-se em direção oposta a teus desígnios tem mais a ver contigo do que com teu vizinho e, certamente, do que com um terremoto acontecido em outra latitude do mundo.
5. Dessa maneira, se tua influência chega a um povo, cuida muito bem de superar tua contradição, a fim de não envenenar com ela o ar que todos os demais respiram. Tu serás responsável por ti e por aqueles que reunires ao teu redor.
6. Por tudo isso, se tua missão consiste em humanizar a Terra, fortalece tuas mãos de nobre lavrador.

## **XII. Compensação, Reflexo e Futuro**

1. Será por acaso que a vida é só ação e reação? A fome devaneia com a saciedade, o aprisionado com o solto, a dor busca o prazer e o prazer satura-se de si mesmo.
2. Se a vida é só perseguição de segurança para quem teme o futuro; afirmação de si mesmo para o desorientado; desejo de vingança para a frustração passada... Que liberdade, responsabilidade e compromisso poderão sustentar-se como invicta bandeira?
3. E se a vida é só o espelho que reflete uma paisagem, como poderá mudar aquilo que reflete?
4. Entre a fria mecânica de pêndulos ou a fantasmagórica ótica de apenas espelhos, que afirmas tu que o faças sem negar? Que afirmas sem regresso ou sem aritmética repetição?
5. Se afirmas aquilo que busca a si mesmo, isso cuja natureza é transformar-se, que não tem saciedade e que por essência está aberto ao futuro, então amas a realidade que constróis. Esta é, pois, tua vida: a realidade que constróis!
6. E haverá ação e reação e também reflexo e acidente, porém se tens aberto o futuro, não haverá algo que te detenha.
7. Que por tua boca fale a vida e ela diga: "Não existe algo que possa me deter!"
8. Inútil e malvada profecia que anuncia a hecatombe do mundo. Eu afirmo que o ser humano haverá não só de seguir vivendo, mas que crescerá sem limite. E também digo que os negadores da vida desejam roubar toda a esperança – palpitante coração do ato humano.
9. Queira tua futura alegria que nos momentos mais sombrios recordes esta frase: "A vida busca o crescimento, não a compensação do nada!"

### **XIII. Os Sentidos Provisórios**

1. Quando, movido pela pendular compensação, busco sentidos que justifiquem minha existência, dirijo-me para o que necessito ou creio necessitar. De qualquer maneira, se não consigo aquilo, ou então, se consigo, o que acontecerá com meu sentido, enquanto movimento em uma direção?
2. Esses sentidos provisórios, necessários para o desenvolvimento da atividade humana, não fundamentam minha existência. Por outro lado, se me afirmo em uma particular situação, que acontecerá quando o acidente desarticule-a?
3. A menos que se queira reduzir a existência ao esgotamento ou à frustração, será necessário descobrir um sentido que nem sequer a morte (se for o caso) possa esgotar ou frustrar.
4. Não poderás justificar a existência, se colocas como seu fim o absurdo da morte. Até agora, fomos companheiros de luta. Nem tu nem eu quisemos nos dobrar diante de deus algum. Assim gostaria de te recordar sempre. Por que, então, abandonas-me quando vou desobedecer à morte inexorável? Como é que dissemos: "Nem mesmo os deuses estão acima da vida!" e agora te ajoelhas diante da negação da vida? Tu fazes como quiseres, mas eu não baixarei a cabeça ante nenhum ídolo, mesmo que se apresente "justificado" pela fé na razão.
5. Se a razão deve estar em função da vida, que sirva para nos fazer saltar sobre a morte. Que a razão, então, elabore um sentido isento de toda frustração, de todo acidente, de todo esgotamento.
6. Não aceitarei a meu lado quem projete uma transcendência por temor, e sim quem se erga em rebelião contra a fatalidade da morte.
7. Por isso, quero aos santos que não temem, mas que verdadeiramente amam. Quero aos que, com sua ciência e sua razão, vencem dia a dia a dor e o sofrimento. Na verdade, não vejo diferença entre o santo e o que alenta a vida com sua ciência. Que melhores exemplos, que guias superiores a esses guias?
8. Um sentido que queira ir além do provisório não admitirá a morte como o fim da vida, mas afirmará a transcendência como máxima desobediência ao aparente Destino. E aquele que afirme que suas ações desencadeiam uma série de acontecimentos que continuam em outros tem tomado em suas mãos parte do fio da eternidade.

#### **XIV. A Fé**

1. Sempre que escuto a palavra "fé", uma suspeita brinca em meu interior.
2. Cada vez que alguém fala da "fé", pergunto-me para que serve isso que se anuncia.
3. Tenho visto a diferença que há entre fé ingênua (também conhecida como "credulidade") e aquela outra, violenta e injustificada, que dá lugar ao fanatismo. Nenhuma das duas é aceitável, pois enquanto uma abre a porta para o acidente, a outra impõe sua paisagem febril.
4. Mas, algo importante há de ter essa tremenda força, capaz de mobilizar a melhor causa. Que a fé seja uma crença cujo fundamento esteja colocado em sua utilidade para a vida!
5. Se se afirma que a fé e a ciência opõem-se, replicarei que hei de aceitar a ciência, desde que esta não se oponha à vida.
6. Nada impede que a fé e a ciência, se têm a mesma direção, produzam avanço, auxiliando o entusiasmo ao esforço mantido.
7. E quem queira humanizar, que ajude a levantar os ânimos assinalando a possibilidade futura. Serve acaso à vida a derrota antecipada do cético? Poderia a ciência ter-se mantido sem a fé?
8. Eis aqui um tipo de fé que vai contra a vida, essa que afirma: "A ciência destruirá nosso mundo!" Será muito melhor dedicar fé em humanizar a ciência a cada dia e atuar para que triunfe a direção com a qual foi dotada desde seu nascimento.
9. Se uma fé abre o futuro e dá sentido à vida, orientando-a do sofrimento e da contradição em direção a toda ação válida, então sua utilidade é manifesta.
10. Essa fé, assim como aquela que se deposita em si mesmo, nos demais e no mundo que nos rodeia, é útil para a vida.
11. Ao dizer "a fé é útil!", com certeza haverás de incomodar algum ouvido particularmente sensível, mas isso não deve preocupar-te, já que esse músico, se se examina um pouco, reconhecerá o quanto a fé é útil também para ele, mesmo que provenha de um instrumento diferente do que tu tocas.
12. E se consegues ter fé em ti mesmo e no que há de melhor naqueles que te rodeiam, fé em nosso mundo e na vida sempre aberta ao futuro, minimizarás todo problema que até hoje te pareceu invencível.

## **XV. Dar e Receber**

1. Vejamos que relação estabelece com tua paisagem externa. Talvez consideres os objetos, as pessoas, os valores, os afetos como coisas expostas diante de ti para que escolhas e devotes de acordo com tuas especiais apetências. Essa visão centrípeta do mundo provavelmente marque tua contradição desde o pensamento até os músculos.
2. E, se for esse o caso, com certeza tudo aquilo que se refere a ti será muito apreciado: tanto teus prazeres quanto teu sofrimento. É difícil que queiras ultrapassar teus íntimos problemas, já que neles reconheces um tom que, acima de todas as coisas, é teu. Desde o pensamento até os músculos, tudo está educado para contrair, não para soltar. Por conseguinte, ainda quando procedes com generosidade, o cálculo motiva teu desprendimento.
3. Tudo entra. Nada sai. Então, tudo se intoxica, desde teu pensamento até teus músculos.
4. E intoxicas tantos quantos te rodeiam. Como poderias depois desaprovar sua "ingratidão" para contigo?
5. Se falamos do "dar" e da "ajuda", tu pensarás sobre o que podem te dar ou a respeito de como devem te ajudar. Mas, eis aqui que a melhor ajuda que te poderiam dar consiste em te ensinar a relaxar tua contração.
6. Digo que teu egoísmo não é um pecado, mas teu fundamental erro de cálculo, porque acreditaste ingenuamente que receber é mais do que dar.
7. Recorda os melhores momentos de tua vida e compreenderás que sempre estiveram relacionados com um dar desprendido. Esta única reflexão deveria ser suficiente para mudar a direção de tua existência... Mas não será suficiente.
8. É de se esperar que esteja falando para outro e não para ti, já que compreendeste frases como "humanizar a terra", "abrir o futuro", "ultrapassar o sofrimento no mundo que te rodeia" e outras tantas, que têm como base a capacidade de dar.
9. "Amar a realidade que se constrói" não é colocar a solução dos próprios problemas como a chave do mundo.
10. Terminemos isso. Queres ultrapassar tua contradição profunda? Então, produz ações válidas. Se elas são tais é porque estás dando ajuda àqueles que te rodeiam.

## **XVI. Os Modelos de Vida**

1. Em tua paisagem interna, há uma mulher ou um homem ideal que buscas na paisagem externa através de tantas relações, sem jamais poder tocar. Salvo o curto período em que o amor completo deslumbra com seu lampejo, essas pedras de fogo não coincidem em um ponto preciso.
2. Cada qual e à sua maneira lança sua vida para a paisagem externa, buscando completar seus modelos ocultos.
3. Porém, a paisagem externa vai impondo leis próprias e, depois de algum tempo, o que foi o mais acariciado devaneio resulta em uma imagem pela qual se experimenta agora vergonha ou pelo menos uma lembrança esmaecida. No entanto, existem profundos modelos que dormem no interior da espécie humana, esperando seu momento oportuno. Esses modelos são a tradução dos impulsos que o próprio corpo entrega ao espaço de representação.
4. Não discutiremos agora a origem nem a consistência de tais modelos, tampouco falaremos da complexidade do mundo em que se encontram. Haveremos simplesmente de registrar sua existência, destacando que sua função é compensar necessidades e aspirações que, por sua vez, motivam a atividade em direção à paisagem externa.
5. As culturas e os povos dão sua singular resposta à paisagem externa, sempre ligada aos modelos internos que o próprio corpo e a história foram definindo.
6. É sábio quem conhece seus modelos profundos e mais sábio ainda quem pode colocá-los a serviço das melhores causas.

## **XVII. O Guia Interno**

1. Quem é tão admirado por ti que gostarias de ter sido ele?
2. Perguntarei mais suavemente: quem te é exemplar de tal maneira que desejas incorporar em ti algumas de suas particulares virtudes?
3. Acaso alguma vez em teu pesar ou confusão apelaste à lembrança de alguém que, existente ou não, acudiu como reconfortante imagem?
4. Estou falando de modelos particulares aos quais podemos chamar de "guias" internos, que às vezes coincidem com pessoas externas.
5. Esses modelos que quiseste seguir desde pequeno foram mudando somente na camada mais externa de teu sentir cotidiano.
6. Tenho visto como as crianças brincam e falam com seus companheiros imaginários e seus guias. Tenho visto também pessoas de diferentes idades conectarem-se com eles em orações feitas com sincera devoção.
7. Quanto mais fortemente fizeram-se as chamadas, de mais longe acudiram esses guias que trouxeram o melhor sinal. Por isso, soube que os guias mais profundos são os mais poderosos. Entretanto, somente uma grande necessidade pode despertá-los de sua letargia milenar.
8. Um modelo desse tipo "possui" três importantes atributos: força, sabedoria e bondade.
9. Se quiseres saber mais de ti mesmo, observa que características têm aqueles homens ou mulheres que admiras. E repara que as qualidades que mais aprecias neles operam na configuração de teus guias internos. E considera que, embora tua referência inicial tenha desaparecido com o tempo, em teu interior ficará um "vestígio" que te continuará motivando para a paisagem externa.
10. E se quiseres saber como se interpenetram as culturas, estuda além do modo de produção de objetos, o modo de difusão dos modelos.
11. Importa, pois, que dirijas tua atenção para as melhores qualidades das demais pessoas, porque impulsionarás em direção ao mundo o que tiveres terminado de configurar em ti.

## XVIII. A Mudança

*Olhemos para trás por um instante.*

*Consideramos o ser humano em total ligação e influência com o mundo. Dissemos que sua ação manifesta-se na paisagem externa, conforme vai se formando sua paisagem interna. Essa ação é variada, mas o que define uma vida é sua atividade contraditória ou unitiva. Por outro lado, a contradição inverte a vida e produz sofrimento, contaminando com ele o mundo. Os atos de unidade abrem o futuro, fazendo retroceder o sofrimento em si mesmo e no mundo.*

*"Humanizar a Terra" é o mesmo que "dar" em atos unitivos. Não pode ter sentido mais que provisório todo objetivo que termine no receber. Seu destino é conduzir à contradição.*

*Existe uma grande energia que pode ser mobilizada a serviço da vida: a fé. Também na paisagem interna movem-se outras forças que motivam a atividade em direção à paisagem externa: são os "modelos".*

1. Definitivamente, a pergunta é esta: queres superar o abismo?
2. Talvez queiras fazê-lo. Porém, como tomarás uma nova direção se a avalanche já foi desprendida e no seu arraste leva o que encontra?
3. Qualquer que seja tua decisão, resta saber com que meios e energia contarás para poder realizar a mudança.
4. Embora tua escolha seja muito tua, gostaria de te indicar que mudar a direção de tua vida não é coisa que possas realizar somente com recursos de trabalho interno, senão atuando decididamente no mundo, modificando condutas.
5. Soma à tarefa teu meio imediato, esse que influi decisivamente sobre ti e sobre o qual tu influís. E como o farás? Não há outro meio senão este: despertar a fé em que a conversão da vida invertida é possível.
6. Este é o ponto em que te deixo. Se te dispões a modificar tua vida, transformarás o mundo e não triunfará o abismo, mas aquilo que o ultrapassa.

## **A PAISAGEM HUMANA**

## I. As Paisagens e os Olhares

1. Falemos de paisagens e olhares, retomando o que foi dito em algum outro lugar: "Paisagem externa é o que percebemos das coisas; paisagem interna é o que filtramos delas com a peneira do nosso mundo interno. Essas paisagens são uma só e constituem nossa indissolúvel visão da realidade."
2. Já nos objetos externos percebidos, um olhar ingênuo pode fazer confundir "o que se vê" com a própria realidade. Haverá quem vá mais longe, acreditando que se lembra da "realidade" tal qual se deu. E não faltará um terceiro que confunda sua ilusão, sua alucinação ou as imagens de seus sonhos com objetos materiais que, na realidade, foram percebidos e transformados em diferentes estados de consciência.
3. Que nas recordações e nos sonhos apareçam deformados objetos anteriormente percebidos não parece trazer dificuldades para as pessoas razoáveis. Mas que os objetos percebidos estejam sempre cobertos pelo manto multicolorido de outras percepções simultâneas e de recordações que nesse momento atuam; que perceber seja um modo global de estar entre as coisas, um tom emotivo e um estado geral do próprio corpo... Isso, como ideia, desorganiza a simplicidade da prática diária do fazer com as coisas e entre as coisas.
4. Acontece que o olhar ingênuo considera o mundo "externo" com a própria dor ou a própria alegria. Olho não só com o olho, mas também com o coração, com a suave recordação, com a temerosa suspeita, com o cálculo frio, com a sigilosa comparação. Olho através de alegorias, signos e símbolos que não vejo no olhar, mas que atuam sobre ele, assim como não vejo o olho nem o atuar do olho quando olho.
5. Por isso, pela complexidade do perceber, quando falo de realidade externa ou interna, prefiro fazê-lo usando o vocábulo "paisagem", em vez de "objeto". E com isso dou por entendido que menciono blocos, estruturas e não a individualidade isolada e abstrata de um objeto. Também me importa destacar que a essas paisagens correspondem atos do perceber que chamo de "olhares" (invadindo, talvez ilegalmente, diversos campos que não se referem à visualização). Esses "olhares" são atos complexos e ativos, organizadores de "paisagens", e não simples e passivos atos de recepção de informação externa (dados que chegam a meus sentidos externos) ou atos de recepção de informação interna (sensações do próprio corpo, recordações e apercepções). Além disso, nessas mútuas implicações de "olhares" e "paisagens", as distinções entre o interno e o externo estabelecem-se conforme direções da intencionalidade da consciência e não como gostaria o esquematismo ingênuo que se apresenta para os escolares.
6. Se o que foi dito antes está entendido, quando fale de "paisagem humana", compreender-se-á que estou me referindo a um tipo de paisagem externa constituída por pessoas e também por fatos e intenções humanas gravadas em objetos, mesmo que o ser humano como tal não esteja ocasionalmente presente.
7. Convém, além disso, distinguir entre mundo interno e "paisagem interna", entre natureza e "paisagem externa", entre sociedade e "paisagem humana", ressaltando que, ao mencionar "paisagem", sempre se está implicando quem olha, diferentemente dos outros casos em que mundo interno (ou psicológico), natureza e sociedade aparecem ingenuamente como existentes em si, excluídos de toda interpretação.

## II. O Humano e o Olhar Externo

1. Nada substancial nos diz aquela afirmação de que "o homem constitui-se em um meio" e que graças a tal meio (natural para uns, social para outros e as duas coisas para outros mais), o ser humano "constitui-se" (?). Tal inconsistência agrava-se quando se destaca a relação "constitui", dando por admitida a compreensão dos termos "homem" e "meio", já que se supõe que "meio" é o que rodeia ou, ainda, o que submerge o ser humano e "homem" é o que está dentro ou submerso em tal "meio". Seguimos, então, como no princípio, em um círculo de vacuidades. No entanto, advertimos que as duas expressões relacionadas designam entidades separadas e que existe a intenção de unir essa separação com uma relação ardilosa, com a palavra "constitui", que tem implicações de gênese, isto é, de explicação de algo a partir de sua origem.
2. O que foi dito antes não seria de interesse se não se apresentasse para nós como um paradigma de distintas asserções que, durante milênios, apresentaram uma imagem do ser humano visto a partir das coisas e não visto a partir do olhar que olha as coisas. Porque dizer "o homem é o animal social" ou dizer "o homem está feito à semelhança de Deus" põe a sociedade ou Deus como os que olham o homem, sendo que a sociedade e Deus só se concebem, negam ou aceitam a partir do olhar humano.
3. E assim, em um mundo no qual há muito tempo instalou-se um olhar inumano, instalaram-se também comportamentos e instituições que anularam o humano. Desse modo, na observação da natureza, entre outras coisas, perguntou-se pela natureza do homem e se respondeu como se responde a respeito de um objeto natural.
4. Mesmo as correntes de pensamento que apresentaram o ser humano como sujeito submetido a contínua transformação trabalharam pensando o humano a partir do olhar externo, a partir de distintas localizações do naturalismo histórico.
5. É a ideia subjacente de "natureza humana" que correspondeu ao olhar externo sobre o humano. Mas, sabendo que o homem é o ser histórico cujo modo de ação social transforma sua própria natureza, o conceito de "natureza humana" aparece sujeito ao quefazer, ao existir, e submetido às transformações e revelações que esse existir oriente. Desse modo, o corpo como prótese da intenção estende-se em suas potencialidades, humanizando o mundo. E esse mundo não pode mais ser visto como simples exterioridade, mas como "paisagem" natural ou humana, submetida a transformações humanas atuais ou possíveis. É nesse fazer que o homem transforma a si mesmo.

### III. O Corpo Humano como Objeto da Intenção

1. O corpo como objeto natural é passível de modificações naturais e, portanto, suscetível a transformação, não apenas em suas expressões mais externas, mas também em seu íntimo funcionamento, graças à intenção humana. Visto assim, o próprio corpo como prótese da intenção ganha sua maior relevância. Mas, desde o governo imediato (sem intermediação) do próprio corpo até a adequação deste a outras necessidades e outros desígnios, há um processo social que não depende do indivíduo isolado, mas que implica outros.

2. A propriedade sobre minha estrutura psicofísica ocorre graças à intencionalidade, enquanto os objetos externos parecem-me alheios à minha propriedade imediata e só governáveis mediatemente (por ação de meu corpo). Mas um tipo particular de objeto é o corpo do outro, que intuo como propriedade de uma intenção alheia. E essa estranheza coloca-me "visto de fora", visto a partir da intenção do outro. Por isso, a visão que tenho do estranho é uma interpretação, uma "paisagem" que se estenderá a todo objeto que leve a marca da intenção humana, mesmo que tenha sido produzido ou manipulado por alguém atual ou pretérito. Nessa "paisagem humana", posso anular a intenção de outros, considerando-os próteses de meu próprio corpo e, nesse caso, devo "esvaziar" sua subjetividade totalmente ou, pelo menos, naquelas regiões do pensar, do sentir ou do atuar que desejo governar de modo imediato. Tal objetivação necessariamente me desumaniza e assim justifico a situação pela ação de uma força maior não controlada por mim (a "Paixão", "Deus", a "Causa", a "Desigualdade natural", o "Destino", a "Sociedade", etc.).

#### IV. Memória e Paisagem Humana

1. Ante uma paisagem desconhecida, apelo para minha memória e percebo o novo por "reconhecimento" de sua ausência em mim. Acontece isso também com relação a uma paisagem humana em que a linguagem, vestimentas e usos sociais contrastam fortemente com aquela paisagem em que tenho formadas minhas recordações. Mas, em sociedades em que a mudança é lenta, minha paisagem anterior tende a se impor a essas novidades que percebo como "irrelevantes".

2. E acontece que, vivendo em sociedades de modificações velozes, tendo a desconhecer o valor da mudança ou a considerá-la como "desvio", sem entender que a perda interior que experimento é a perda da paisagem social na qual se configurou minha memória.

3. Pelo que foi dito anteriormente, compreendo que uma geração, quando ascende ao poder, tende a plasmar externamente os mitos e as teorias, as apetências e os valores daquelas paisagens hoje inexistentes, mas que ainda vivem e atuam a partir da recordação social em que se formou esse conjunto. E essa paisagem foi assimilada como paisagem humana pelos filhos e como "irrelevância" ou "desvio" por seus pais. E por mais que as gerações lutem entre si, a que chega ao poder converte-se de imediato em retardatária, ao impor sua paisagem de formação a uma paisagem humana já modificada ou que ela mesma contribuiu para modificar. Desse modo, na transformação instaurada por um novo conjunto está o atraso que arrasta desde sua época de formação. E contra esse atraso, choca-se um novo conjunto que está se formando.

*Quando falei do "poder" ao qual ascende uma geração, imagino que se entendeu bem, referi-me a suas distintas expressões: políticas, sociais, culturais e assim por diante.*

## V. Distância Imposta pela Paisagem Humana

1. Toda geração tem sua astúcia e não vacilará em apelar para a mais sofisticada renovação, se com esse recurso aumentar seu poder. Entretanto, isso a leva a inúmeras dificuldades, na medida em que a transformação que colocou em andamento arrasta para o futuro essa sociedade que, na dinâmica do hoje, já é contraditória com a paisagem social interna que se queria manter. Por isso digo que "cada geração tem sua astúcia", mas também tem sua armadilha.

2. Com que paisagem humana está se defrontando a injustificada apetência? De imediato, com uma paisagem humana percebida, diferente da paisagem recordada. Mas, além disso, com uma paisagem humana que não coincide com o tom afetivo, com o clima emotivo geral da recordação de pessoas, edifícios, ruas, profissões, instituições. E esse "afastamento" ou "estranheza" mostra claramente que toda paisagem percebida é uma realidade global e distinta daquela recordada, mesmo que se trate da realidade cotidiana ou familiar. Assim, as apetências que durante tanto tempo acariciaram a posse de objetos (coisas, pessoas, situações) resultaram defraudadas em sua realização. E essa é a distância imposta pela dinâmica da paisagem humana a toda recordação sustentada individual ou coletivamente, sustentada por um, por muitos ou por toda uma geração que, coexistindo em um mesmo espaço social, está envolta por um fundo emotivo similar! Cada vez mais distanciado torna-se o acordo em relação a um objeto, quando é considerado por diferentes gerações ou representantes de distintas épocas que coexistem no mesmo espaço! E, se parece que estamos falando de inimigos, devo destacar que esses abismos abrem-se entre aqueles que parecem coincidir em seus interesses.

3. Nunca se toca do mesmo modo um mesmo objeto, nem jamais se sente duas vezes uma mesma intenção. E isso que creio perceber como intenção em outros é apenas uma distância que interpreto cada vez de maneira diferente. Assim, a paisagem humana, cuja nota distintiva é a intenção, evidencia o estranhamento que, em seu momento, muitos perceberam, pensando que seria, talvez, produto de condições objetivas de uma sociedade não solidária que lançava ao exílio a consciência destituída. E aqueles, ao terem se equivocado em sua apreciação sobre a essência da intenção humana, viram que a sociedade construída por eles com esforço abismou-se geracionalmente e se estranhou diante de si mesma, à medida que aumentou a aceleração de sua paisagem humana. Outras sociedades desenvolvidas segundo esquemas diferentes receberam idêntico impacto, o que demonstra hoje que os problemas fundamentais do ser humano devem ser resolvidos tendo como objetivo a intenção que transcende o objeto e da qual o objeto social é apenas sua morada. E, da mesma maneira, toda a natureza (incluída nela o corpo humano) deve ser compreendida como lar da intenção transformadora.

4. A percepção da paisagem humana é comparação de mim mesmo e compromisso emotivo, algo que me nega ou me lança para frente. E, a partir do meu "hoje", agregando recordações, sou sugado pela intenção de futuro. Esse futuro que condiciona o hoje, essa imagem, esse sentimento confuso ou querido, esse fazer escolhido ou imposto também marca meu passado, porque muda o que acredito que foi meu passado.

## VI. A Educação

1. A percepção da paisagem externa e sua ação sobre ela comprometem o corpo e um modo emotivo de estar no mundo. Sem dúvida, também compromete a própria visão da realidade, conforme comentei antes. Por isso, creio que educar é basicamente habilitar as novas gerações para o exercício de uma visão não ingênua da realidade, de maneira que seu olhar tenha em conta o mundo não como uma suposta realidade objetiva em si mesmo, mas como o objeto de transformação ao qual o ser humano aplica sua ação. Não estou falando neste momento da informação sobre o mundo, mas do exercício intelectual de uma particular visão sem preconceitos sobre as paisagens e de uma prática atenta sobre o próprio olhar. Uma educação elementar deve levar em conta o exercício do pensar coerente. Nesse caso, não se está falando de conhecimento estrito, mas de contato com os próprios registros do pensar.
2. Em segundo lugar, a educação deveria contar com o incentivo da captação e do desenvolvimento emotivo. Por isso, o exercício da representação, por um lado, e o da expressão, por outro, assim como a perícia no manejo da harmonia e do ritmo, teriam que ser considerados na hora de planejar uma formação integral. Porém, o que foi comentado não tem por objetivo a instrumentação de procedimentos com a pretensão de "produzir" talentos artísticos, mas com a intenção de que os indivíduos tomem contato emotivo consigo mesmos e com outros, sem os transtornos a que induz uma educação do separatismo e da inibição.
3. Em terceiro lugar, dever-se-ia levar em conta uma prática que pusesse em jogo todos os recursos corporais de modo harmônico e essa disciplina seria mais parecida com uma ginástica realizada com arte do que com o esporte, já que este não forma integralmente, mas de maneira unilateral. Porque aqui se trata de tomar contato com o próprio corpo e de governá-lo com soltura. Por isso, o esporte não teria que ser considerado como atividade formativa, mas seria importante seu cultivo, tendo por base a disciplina comentada.
4. Até aqui falei da educação, entendendo-a do ponto de vista de atividades formativas para o ser humano em sua paisagem humana, mas não falei da informação que se relaciona com o conhecimento, com a incorporação de dados através do estudo e da prática como forma de estudo.

## **VII. A História**

1. Enquanto se continue pensando o processo histórico a partir de um olhar externo, será inútil explicá-lo como o desenvolvimento crescente da intencionalidade humana em sua luta para superar a dor (física) e o sofrimento (mental). Daquele modo, alguns se preocuparão em revelar as leis íntimas do acontecer humano a partir da matéria, do espírito, de certa razão, mas, na verdade, o mecanismo interno que se busca sempre estará visto de "fora" do homem.
2. Certamente, continuar-se-á entendendo o processo histórico como o desenvolvimento de uma forma que, em suma, não será senão a forma mental daqueles que assim veem as coisas. E não importa a que tipo de dogma se apele, porque o pano de fundo que ditará tal adesão sempre será aquele que se queira ver.

## VIII. As Ideologias

1. As ideologias que em alguns momentos históricos impunham-se e mostravam sua utilidade para orientar a ação e interpretar o mundo em que se desenvolviam tanto indivíduos quanto conjuntos humanos foram substituídas por outras cuja maior conquista consistiu em aparecer como a própria realidade, como o mais concreto e imediato e isento de toda "ideologia".
2. Assim, os oportunistas de outros tempos, que se caracterizaram por trair todo compromisso, apareceram nas épocas de crise das ideologias chamando a si mesmos de "pragmáticos" ou "realistas", sem saber de onde provinham tais palavras. Em todo caso, exibiram com total descaramento seu falso esquematismo, apresentando-o como o máximo nível de "desenvolvimento" da inteligência e da virtude.
3. Ao acelerar-se a mudança social, as sucessivas gerações afastaram-se umas das outras mais rapidamente, já que a paisagem humana em que se formaram distanciou-se progressivamente da paisagem humana em que deviam atuar. Isso as deixou órfãs de toda teoria e de todo modelo de conduta. Portanto, necessitaram dar respostas cada vez mais velozes e mais improvisadas, tornando-se "conjunturais" e pontuais na aplicação da ação, de maneira que toda ideia de processo e toda noção de historicidade foram declinando, crescendo em troca um olhar analítico e fragmentário.
4. Os cínicos pragmáticos acabaram sendo netos vergonhosos daqueles esforçados construtores de "consciências desventuradas" e filhos dos que denunciaram as ideologias como "mascaramentos" da realidade. Por isso, em todo pragmatismo ficou o vestígio do absolutismo de família. E assim se os escutou dizer: "Há que se ater à realidade e não a teorias". Mas isso lhes trouxe inúmeras dificuldades quando emergiram correntes irracionalistas que, por sua vez, afirmaram: "Há que se ater à nossa realidade e não às suas teorias".

## IX. A Violência

1. Quando se fala de metodologia de ação em relação à luta política e social, frequentemente se alude ao tema da violência. Mas há questões prévias às quais o tema mencionado não é alheio.
2. Enquanto o ser humano não realize plenamente uma sociedade humana, isto é, uma sociedade em que o poder esteja no todo social e não em uma parte dele (submetendo e objetivando o conjunto), a violência será o signo sob o qual se realizará toda atividade social. Por isso, ao falar de violência, há que se mencionar o mundo instituído e, se a esse mundo opõe-se uma luta não violenta, deve-se destacar em primeiro lugar que uma atitude não violenta é assim porque não tolera a violência. De modo que não é o caso de justificar um determinado tipo de luta, mas de definir as condições de violência que esse sistema inumano impõe.
3. Por outro lado, confundir não violência com pacifismo leva a inúmeros erros. A não violência não necessita de justificativa como metodologia de ação, mas o pacifismo necessita estabelecer ponderações sobre os fatos que aproximam ou afastam da paz, entendendo esta como um estado de não beligerância. Por isso é que o pacifismo encara temas como o do desarmamento fazendo dele a prioridade essencial de uma sociedade quando, na realidade, o armamentismo é um caso de ameaça de violência física que responde ao poder instituído por uma minoria que manipula o Estado. O tema do desarmamento é de importância capital e, embora o pacifismo dedique-se a essa urgência, mesmo que tenha êxito em suas demandas, não modificará por esse motivo o contexto da violência e, assim, não poderá estender-se, senão artificialmente, à proposta de modificação da estrutura social. É claro que também existem diversos modelos de pacifismo e diversos embasamentos teóricos dentro de tal corrente, mas não deriva dela uma proposta maior. Se sua visão de mundo fosse mais ampla, seguramente estaríamos diante de uma doutrina que incluiria o pacifismo. Nesse caso, deveríamos discutir os fundamentos dessa doutrina antes de aderir ou rechaçar o tipo de pacifismo que deriva dela.

## X. A Lei

1. "O direito de alguém termina onde começa o direito dos demais", portanto "o direito dos demais termina onde começa o de alguém". Mas, como se enfatiza a primeira e não a segunda frase, tudo faz suspeitar que os sustentadores de tal colocação colocam a si mesmos como "os demais", ou seja, como representantes dos demais, como representantes de um sistema estabelecido que se dá por justificado.
2. Não faltam aqueles que derivam a lei de uma suposta "natureza" humana, mas como isso já foi discutido anteriormente, não acrescenta nada à questão.
3. Pessoas práticas não se perderam em teorizações e declararam que é necessária uma lei para que exista a convivência social. Também se afirmou que a lei é feita para defender os interesses daqueles que a impõem.
4. Ao que parece, é a situação prévia de poder que instaura uma determinada lei, que por sua vez legaliza o poder. É dessa forma que o poder como imposição de uma intenção, aceita ou não, é a questão central. Diz-se que a força não gera direitos, mas esse contrassenso pode ser aceito ao se pensar na força apenas como fato físico brutal, quando em realidade a força (econômica, política, etc.) não necessita ser exposta perceptualmente para se fazer presente e impor respeito. Por outro lado, mesmo a força física (a das armas, por exemplo), expressa em sua descarada ameaça, impõe situações que são justificadas legalmente. E não devemos desconhecer que o uso das armas em uma ou outra direção depende da intenção humana e não de um direito.
5. Quem viola uma lei desconhece uma situação imposta no presente, expondo sua temporalidade (seu futuro) às decisões de outros. Mas é claro que aquele "presente" em que a lei começa a ter vigência tem raízes no passado. O costume, a moral, a religião ou o consenso social costumam ser as fontes invocadas para justificar a existência da lei. Cada uma delas, por sua vez, depende do poder que a impôs. E essas fontes são revistas quando o poder que as originou cai ou se transforma de tal modo que a manutenção da ordem jurídica anterior começa a entrar em choque com o "razoável", com o "senso comum", etc. Quando o legislador muda uma lei ou um conjunto de representantes do povo muda a Constituição de um país, não se viola aparentemente a lei, porque os que agem não ficam expostos às decisões de outros, isto é, porque têm em suas mãos o poder ou atuam como representantes de um poder e nessas situações fica claro que o poder gera direitos e obrigações e não o contrário.
6. Os Direitos Humanos não têm a vigência universal que seria desejável porque não dependem do poder universal do ser humano, mas do poder de uma parte sobre o todo e se as mais elementares reivindicações sobre o governo do próprio corpo são pisoteadas em todas as latitudes, só podemos falar de aspirações que terão que se converter em direitos. Os Direitos Humanos não pertencem ao passado, estão ali no futuro, sugando a intencionalidade, alimentando uma luta que se reaviva em cada nova violação do destino do homem. Por isso, toda reivindicação que se faça a favor deles tem sentido porque mostra aos poderes atuais que não são onipotentes e que não têm o futuro sob controle.

## **XI. O Estado**

1. Foi dito que a nação é uma entidade jurídica formada pelo conjunto de habitantes de um país regido pelo mesmo governo. Logo se estendeu a ideia ao território desse país. Mas, na verdade, uma nação pode existir ao longo de milênios sem estar regida por um mesmo governo, sem estar incluída em um mesmo território e sem ser reconhecida juridicamente por nenhum Estado. O que define uma nação é o reconhecimento mútuo que estabelecem entre si as pessoas que se identificam com valores similares e que aspiram a um futuro comum – e isso não tem a ver nem com a raça, nem com a língua, nem com a história entendida como uma "longa duração que se inicia em um passado mítico". Uma nação pode se formar hoje, pode crescer em direção ao futuro ou fracassar amanhã e pode também incorporar outros conjuntos em seu projeto. Nesse sentido, pode-se falar da formação de uma nação humana que não se consolidou como tal e que padeceu inúmeras perseguições e fracassos... Acima de tudo, padeceu o fracasso da paisagem futura.

2. Ao Estado, que tem a ver com determinadas formas de governo reguladas juridicamente, atribui-se a estranha capacidade de formar nacionalidades e de ser ele mesmo a nação. Essa recente ficção, a dos estados nacionais, está sofrendo o embate da rápida transformação da paisagem humana. Por isso, os poderes que formaram o Estado atual e o dotaram de simples atributos de intermediação encontram-se em condições de superar a forma desse aparato aparentemente concentrador do poder de uma nação.

3. Os "poderes" do Estado não são os poderes reais que geram direitos e obrigações, que administram ou executam determinadas pautas. Mas, ao crescer o monopólio do aparato e se converter no sucessivo (ou permanente) butim de guerra de facções, terminou travando a liberdade de ação dos poderes reais e também entorpecendo a atividade do povo, em benefício exclusivo de uma burocracia cada vez mais desatualizada. Por isso, a ninguém convém a forma do Estado atual, exceto para os elementos mais retardatários de uma sociedade. A questão é que a progressiva descentralização e diminuição do poder estatal deveria corresponder ao crescimento do poder do todo social. Aquilo que o povo possa autogerir e supervisionar solidariamente (sem o paternalismo de uma facção) será a única garantia de que o grotesco Estado atual não seja substituído pelo poder sem freio dos mesmos interesses que lhe deram origem e que lutam hoje para impor sua prescindência.

4. E um povo que esteja em condições de aumentar seu poder real (não intermediado pelo Estado ou pelo poder de minorias) estará na melhor condição para se projetar no futuro como vanguarda da nação humana universal.

5. Não se deve acreditar que a união artificial de países em entidades supranacionais aumenta o poder de decisão de seus respectivos povos, como tampouco o aumentaram os impérios que anexaram territórios e nações sob o domínio homogêneo do interesse do particular.

6. Embora esteja nas expectativas dos povos a unidade regional de riquezas (ou pobreza), em dialética com poderes extra-regionais – e mesmo que ocorram benefícios provisórios de tais uniões – não fica por isso resolvido o problema fundamental de uma sociedade plenamente humana. E qualquer tipo de sociedade que não seja plenamente humana estará submetida às ciladas e às catástrofes apresentadas pelo estranhamento de suas decisões à mercê dos interesses do particular.

7. Se, como resultado de uniões regionais, emergir um monstruoso Supraestado ou o domínio sem freio dos interesses de então (agora totalmente homogeneizados), impondo sofisticadamente seu poder ao todo social, surgirão inúmeros conflitos que afetarão a própria base de tais uniões e as forças centrífugas ganharão um impulso devastador. Se, pelo contrário, o poder decisório do povo avançar, a integração das diversas comunidades será também vanguarda de integração da nação humana em desenvolvimento.

## XII. A Religião

1. O que se diz das coisas e dos fatos não são as coisas nem os fatos, mas "figuras" deles e têm em comum com eles certa estrutura. Graças a essa estrutura comum, podem-se mencionar as coisas e os fatos. Por sua vez, essa estrutura não pode ser mencionada do mesmo modo que se mencionam as coisas, porque é a estrutura do que se diz (assim como a estrutura das coisas e dos fatos). Dessa maneira, a linguagem pode mostrar, mas não dizer, quando se refere ao que "inclui" tudo (também a própria linguagem). Tal é o caso de "Deus".
2. Sobre Deus foram ditas diversas coisas, mas isso aparece como um contrassenso quando se observa o que se diz, o que se pretende dizer.
3. Não se pode dizer nada de Deus. Só se pode dizer a respeito do dito sobre Deus. São muitas as coisas ditas sobre ele e muito o que se pode dizer sobre esses dizeres, sem que por isso avancemos sobre o tema de Deus, no que se refere ao próprio Deus.
4. Independentemente desses trava-línguas, as religiões só podem ser de interesse profundo se pretendem mostrar Deus e não dizer sobre ele.
5. Mas as religiões mostram o que existe em suas respectivas paisagens. Por isso, uma religião não é nem verdadeira nem falsa, porque seu valor não é lógico. Seu valor reside no tipo de registro interior que suscita, no acordo de paisagens entre o que se quer mostrar e o que efetivamente é mostrado.
6. A literatura religiosa costuma estar ligada a paisagens externas e humanas, não escapando a estas paisagens as características e os atributos de seus deuses. No entanto, mesmo que as paisagens externas e humanas modifiquem-se, a literatura religiosa pode avançar para outros tempos. Isso não é estranho, já que outro tipo de literatura (não religiosa) também pode ser seguida com interesse e com viva emoção em épocas muito distantes. Tampouco diz muito sobre a "verdade" de um culto sua permanência no tempo, já que formalidades legais e cerimônias sociais passam de cultura em cultura e continuam sendo observadas, embora desconhecendo-se seus significados de origem.
7. As religiões irrompem em uma paisagem humana e em um tempo histórico e se costuma dizer que então Deus "revela-se" ao homem. Mas algo aconteceu na paisagem interna do ser humano para que nesse momento histórico aceite-se tal revelação. A interpretação dessa mudança é feita geralmente "de fora" do homem, colocando-se a mudança no mundo externo ou no mundo social e com isso se ganhou em certos aspectos, mas se perdeu em compreensão do fenômeno religioso enquanto registro interno.
8. Mas as religiões também se apresentaram como externalidade e, com isso, prepararam o campo para as interpretações mencionadas.
9. Quando falo de "religião externa", não estou me referindo às imagens psicológicas projetadas em ícones, pinturas, estátuas, construções, relíquias (próprias da percepção visual). Tampouco menciono a projeção em cânticos, orações (próprias da percepção auditiva) e a projeção em gestos, posturas e orientações do corpo em determinadas direções (próprias da percepção cenestésica e sinestésica). Por último, tampouco digo que uma religião seja externa porque conte com seus livros sagrados ou com sacramentos. Nem sequer assinalo uma religião como externa porque sua liturgia agregue uma igreja, uma organização, umas datas de culto, um estado físico ou uma idade dos crentes para efetuar determinadas operações. Não, essa forma com que os partidários de uma ou outra religião lutam mundanamente entre si, atribuindo ao outro bando um grau de idolatria pelo tipo de imagem preferencial com que uns e outros trabalham, não é a essência do assunto (além de demonstrar a completa ignorância psicológica dos contendores).
10. Chamo de "religião externa" toda religião que pretende dizer sobre Deus e a vontade de Deus, em vez de dizer sobre o religioso e sobre o íntimo registro do ser humano. E até mesmo o apoio em um culto externalizado teria sentido, se com tais práticas os crentes despertassem em si mesmos (mostrassem) a presença de Deus.

11. Mas o fato de que as religiões tenham sido até hoje externas corresponde à paisagem humana em que nasceram e foram se desenvolvendo. No entanto, é possível o nascimento de uma religião interna ou a conversão das religiões à religiosidade interna, se é que estas sobreviverão. Mas isso ocorrerá na medida em que a paisagem interna esteja em condições de aceitar uma nova revelação. Isso, por sua vez, começa a se vislumbrar naquelas sociedades em que a paisagem humana está experimentando mudanças tão severas que a necessidade de referências internas torna-se cada vez mais imperiosa.

12. Nada do que foi dito sobre as religiões pode se manter hoje em pé, porque os que fizeram apologia ou detração há tempos deixaram de perceber a mudança interna no ser humano. Se alguns consideravam as religiões como adormecedoras da atividade política ou social, hoje as enfrentam por seu poderoso impulso nesses campos. Se outros as imaginavam impondo sua mensagem, descobrem que sua mensagem mudou. Os que acreditavam que permaneceriam para sempre hoje duvidam de sua "eternidade" e os que supunham seu desaparecimento em curto prazo assistem com surpresa à irrupção de formas místicas manifestas ou encobertas.

13. E nesse campo poucos são os que intuem o que reserva o futuro, porque são escassos os que se dedicam à tarefa de compreender em que direção marcha a intencionalidade humana que, definitivamente, transcende o indivíduo humano. Se o homem quer que algo novo "mostre-se" é porque aquilo que tende a se mostrar já está operando em sua paisagem interna. Mas não é pretendendo ser representante de um deus que o registro interno do homem converte-se em morada ou em paisagem de um olhar (de uma intenção) transcendente.

### **XIII. Os Caminhos Abertos**

1. O que há do trabalho, do dinheiro, do amor, da morte e de tantos aspectos da paisagem humana apenas passados por alto nesses comentários? Há, certamente, tudo o que qualquer um pode responder, sempre que queira fazê-lo levando em conta essa forma de encarar os temas, referindo olhares a paisagens e compreendendo que as paisagens mudam os olhares.
2. Pelo anterior, é desnecessário falar de coisas novas, se é que há quem se interesse por elas e pela forma que temos usado para falar até aqui, porque eles podem falar do mesmo modo que nós faríamos. E, pelo contrário, se falássemos sobre coisas que não interessassem a ninguém ou com uma forma de expressão que não permitisse desvendá-las, seria um contrassenso continuar falando para outros.

## NOTAS SOBRE O HUMANIZAR A TERRA

### O Olhar Interior

O *Olhar Interior* está dividido em vinte capítulos e cada um deles, em fragmentos. Podem-se agrupar os grandes motivos do livro deste modo:

A. Os dois primeiros capítulos são introdutórios e apresentam a intenção daquele que explica, a atitude daquele que atende e a forma de levar adiante essa relação.

B. Do capítulo III até o XIII, desenvolvem-se os tópicos mais gerais, explicados em dez "dias" de reflexão.

C. O capítulo XIII marca uma mudança. Da exposição geral, passa-se a considerar condutas e atitudes frente à vida.

D. Os capítulos seguintes consideram o trabalho interno.

A ordem dos temas é a seguinte:

I. A MEDITAÇÃO - Objetivo do livro: conversão do sem-sentido em sentido.

II. DISPOSIÇÃO PARA COMPREENDER - Posição mental que se pede para entender os temas.

III. O SEM-SENTIDO - O sentido da vida e a morte.

IV. A DEPENDÊNCIA - A ação do meio sobre o ser humano.

V. SUSPEITA DO SENTIDO - Alguns fenômenos mentais não habituais.

VI. SONHO E DESPERTAR - Diferenças entre níveis de consciência e percepção da realidade (sonho, semissono, vigília com devaneio e vigília plena). Sentidos externos, internos e memória.

VII. PRESENÇA DA FORÇA - Ascensão da compreensão em vigília. Energia ou força que reside e se desloca no corpo.

VIII. CONTROLE DA FORÇA - Profundidade e superficialidade da energia, relacionada aos níveis de consciência.

IX. MANIFESTAÇÕES DA ENERGIA - Controle e des controle da energia.

X. EVIDÊNCIA DO SENTIDO - Contradição interna, unidade e continuidade.

XI. O CENTRO LUMINOSO - A energia ligada à alegorização interna do "centro luminoso". Os fenômenos de integração interna "ascendem em direção à luz". A dissolução interna registra-se como "afastamento da luz".

XII. OS DESCOBRIMENTOS - Circulação da energia. Níveis. Natureza da força representada como "luz". Os exemplos dos povos a respeito desses temas.

XIII. OS PRINCÍPIOS - Os princípios como referência de unidade interna.

XIV. O GUIA DO CAMINHO INTERNO - Representação dos fenômenos que acompanham as direções de "descida" e "subida".

XV. A EXPERIÊNCIA DE PAZ E A PASSAGEM DA FORÇA - Procedimentos.

XVI. PROJEÇÃO DA FORÇA - Sentido da "projeção".

XVII. PERDA E REPRESSÃO DA FORÇA - Descargas energéticas. O sexo como centro produtor de energia.

XVIII. AÇÃO E REAÇÃO DA FORÇA - A associação das representações a cargas emotivas. A evocação da imagem ligada a estados emotivos suscita (devolve) novamente os estados emotivos associados. O "agradecimento" como técnica de associação de imagens a estados emotivos utilizável na vida cotidiana.

XIX. OS ESTADOS INTERNOS - Situações mentais em que pode se encontrar quem está interessado no trabalho interno.

XX. A REALIDADE INTERIOR - Os processos mentais ligados a representações alegóricas do mundo externo.

## **A Paisagem Interna**

*A Paisagem Interna* está dividida em dezoito capítulos e cada um deles, em fragmentos. Podem-se agrupar os grandes motivos do livro deste modo:

A. Os dois primeiros capítulos são introdutórios e se dirigem ao leitor com perguntas sobre sua felicidade ou sofrimento e sobre seus interesses na vida.

B. Do capítulo III ao VI, estudam-se os diferentes tipos de paisagens (externa, humana e interna) e sua interação.

C. O capítulo VII desenvolve os temas da dor, do sofrimento e do sentido da vida. Esses pontos e os referidos à validade da ação no mundo vão continuar presentes até o capítulo XIII.

D. Do capítulo XIV ao XVIII, destaca-se como tema central a direção dos atos humanos e os motivos dessa direção, ao mesmo tempo em que se propõem mudanças no sentido da vida.

A ordem dos temas é a seguinte:

I. A PERGUNTA - Indaga sobre a felicidade e o sofrimento. Propõe uma direção de superação do sofrimento.

II. A REALIDADE - Discute a natureza do "real", comprometendo o que se percebe na conformação do ser humano.

III. A PAISAGEM EXTERNA - Destaca que toda paisagem externa varia de acordo com o que acontece no interior de quem a percebe.

IV. A PAISAGEM HUMANA - Mostra a paisagem humana comprometendo a interioridade do sujeito. Nega que os bandos ou facções atuais tenham direito de exigir respostas elaboradas por eles mesmos aos problemas que se apresentam em indivíduos e sociedades. Afirma a necessidade de definir a ação no mundo humano.

V. A PAISAGEM INTERNA - Explica que, na base do fazer humano, estão as crenças. Porém, destaca que a paisagem interna não é somente um campo de crenças, mas de lembranças, percepções e imagens. Faz notar que a relação paisagem interna-externa é uma estrutura na qual ambos os termos são correlatos que podem ser tomados como atos ou objetos, alternadamente.

VI. CENTRO E REFLEXO - Indica a possibilidade de se localizar no centro da paisagem interna, onde qualquer direção que se escolha é reflexo da mesma. Por outro lado, mostra que o aprendizado realiza-se através do fazer, não do contemplar.

VII. DOR, SOFRIMENTO E SENTIDO DA VIDA - Estabelece diferenças entre a dor física e o sofrimento mental. Na frase: "humanizar a Terra", coloca a chave do sentido da vida, destacando a primazia do futuro sobre os outros tempos.

VIII. O CAVALEIRO E SUA SOMBRA - Este capítulo quebra a monotonia dos desenvolvimentos anteriores, com uma guinada de estilo. No entanto, volta-se sobre os problemas dos tempos na vida e neles procura a raiz da lembrança, da percepção e da imagem. Essas três vias são consideradas como "as três vias do sofrimento", na medida em que a contradição inverte os tempos da consciência.

IX. CONTRADIÇÃO E UNIDADE - Continua a exposição sobre o jogo dos tempos. Marca diferenças entre problemas cotidianos ou dificuldades e a contradição. A respeito desta última, define suas características. Efetua propostas de mudança na organização da paisagem interna.

X. A AÇÃO VÁLIDA - Explica que não apenas a contradição gera sofrimento, mas toda inversão na corrente crescente da vida. Destaca a importância da "ação válida" como ato de unidade que

supera a contradição. Este capítulo apresenta uma velada crítica aos fundamentos da moral, na medida em que não estão elaborados com base na necessidade de dar unidade ao ser humano, dando referências para superar a contradição e o sofrimento.

XI. PROJEÇÃO DA PAISAGEM INTERNA - Destaca que os atos contraditórios ou unitivos comprometem o futuro de quem os realiza e daqueles que estão em contato com ele. Nesse sentido, a contradição individual "contamina" os outros, assim como a unidade individual também produz efeitos sobre os demais.

XII. COMPENSAÇÃO, REFLEXO E FUTURO – O pano de fundo deste capítulo é a antiga discussão entre determinismo e liberdade. Passa-se em revista rapidamente a mecânica dos atos como jogo de ações compensatórias e também como reflexo da paisagem externa, sem deixar de lado o acidente como outro fenômeno que inviabiliza todo projeto humano. Finalmente, destaca a busca do crescimento da vida sem limites como salto sobre as condições determinantes.

XIII. OS SENTIDOS PROVISÓRIOS - Esboça uma dialética entre "sentidos provisórios" e "sentido da vida". Coloca como máximo valor a afirmação da vida e insinua que a rebelião contra a morte é o motor de todo progresso.

XIV. A FÉ - Considera a impressão de suspeita que se experimenta ao escutar a palavra "fé". Depois, destaca diferenças entre fé ingênua, fé fanática e fé a serviço da vida. Dá à fé especial importância como energia mobilizadora do entusiasmo vital.

XV. DAR E RECEBER - Estabelece que o fato de dar (diferentemente do receber, que é centrípeto e morre no próprio sujeito) abre o futuro e que toda ação válida vai nessa direção. É pelo dar que se pode modificar a direção de uma vida contraditória.

XVI. OS MODELOS DE VIDA - Explica os "modelos" como imagens que motivam atividades em direção ao mundo externo. Faz notar a modificação que tais imagens sofrem com a mudança da paisagem interna.

XVII. O GUIA INTERNO – Menciona que existem modelos na paisagem interna, que são exemplos de ação para o sujeito. Tais modelos podem ser chamados de "guias internos".

XVIII. A MUDANÇA - Estuda-se a possibilidade da mudança voluntária na conduta do ser humano.

## **A Paisagem Humana**

*A Paisagem Humana* está dividida em treze capítulos e cada um deles, em fragmentos. Podem-se agrupar os grandes temas deste livro do seguinte modo:

A. Os cinco primeiros capítulos estão dedicados a esclarecer o significado de paisagem humana e do olhar que se refere a esta paisagem.

B. Os sete capítulos seguintes dedicam-se a diferentes questões que se apresentam na paisagem humana.

C. O capítulo treze, ao mesmo tempo em que dá por encerrados os desenvolvimentos, convida o leitor a continuar o estudo de importantes assuntos que foram apresentados na obra.

A ordem dos temas é a seguinte:

I. AS PAISAGENS E OS OLHARES - Estabelece diferenças entre paisagem interna, externa e humana. Começam as distinções entre diferentes tipos de "olhares".

II. O HUMANO E O OLHAR EXTERNO - Considera-se o dito sobre o ser humano a partir do "olhar externo".

III. O CORPO HUMANO COMO OBJETO DE INTENÇÃO - A intencionalidade e o governo do próprio corpo sem intermediação. A objetivação do corpo do outro e o "esvaziamento" de sua subjetividade.

IV. MEMÓRIA E PAISAGEM HUMANA - A não coincidência entre a paisagem humana percebida atualmente e a paisagem humana correspondente ao tempo de formação daquele que percebe.

V. DISTÂNCIA QUE IMPÕE A PAISAGEM HUMANA - As distâncias entre paisagem humana percebida e paisagem humana representada não estão dadas somente por uma diferença de tempos, mas por modos de estar no mundo, mediante a emoção e a presença do próprio corpo.

VI. A EDUCAÇÃO - Opina-se que uma educação integral deve ter em conta o pensar coerente como contato com os próprios registros do pensar; deve considerar a captação e o desenvolvimento emotivo como contato consigo mesmo e com outros e não deve prescindir de práticas que coloquem em jogo todos os recursos corporais. Faz-se distinção entre educação como formação e informação como incorporação de dados através do estudo e da prática como forma de estudo.

VII. A HISTÓRIA - Até agora, a História foi vista de "fora", sem se levar em conta a intencionalidade humana.

VIII. AS IDEOLOGIAS - Em épocas de crise das ideologias, surgem ideologemas que pretendem representar a própria realidade. É o caso do chamado "pragmatismo".

IX. A VIOLÊNCIA - A não violência como metodologia de luta política e social não requer justificações. Um sistema dominado pela violência é que necessita de justificação para se impor. Por outro lado, estabelece-se distinção entre pacifismo e não violência.

X. A LEI - Discorre-se acerca da origem da lei e do tema do poder como premissa de todo direito.

XI. O ESTADO - O Estado como aparato intermediador do poder real de uma parte da sociedade com o todo social.

XII. A RELIGIÃO - As religiões como "externalidade", na medida em que pretendem falar de Deus e não do registro interno de Deus no ser humano.

XIII. OS CAMINHOS ABERTOS - Conclusão do livro e convite ao leitor para que estude e desenvolva temas importantes da paisagem humana que não foram tratados na obra.